

# ILUSTRAÇÃO

N.º 310 — 13.º ano



INDISPENSÁVEL EM TÔDAS AS CASAS

# Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA  
Médico dos Hospitais de Lisboa

O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária

**INDISPENSÁVEL A TÔDA A GENTE**

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica**, é guia, é conselheiro indispensável para êsse efeito. Nesta obra incontestavelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida pelo nome do autor ilustre**, qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso de um ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos **sôbre enfermagem**, mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc., etc.; enfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflição e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

*Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a tôda a gente e indicados num indice elucidativo, de fácil e rápida consulta.*

HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM — FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS — RECEITÁRIO — SOCORROS DE URGENCIA

EM INÚMEROS CASOS DE DOENÇA, DISPOSTOS POR ORDEM ALFABÉTICA, ATENDE, RESPONDE, ENSINA O

## Manual de Medicina Doméstica

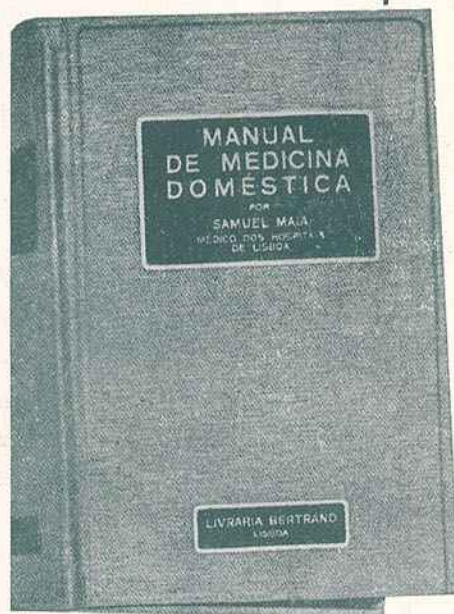
E assim, quando na ausência de médico por o não haver na vila ou na aldeia, ser distante a sua residência, ou na sua falta, como no interior e sempre que seja preciso actuar imediatamente, recorrendo-se ao **MANUAL DE MEDICINA DOMÉSTICA**, nele se encontrarão todos os conselhos, tôdas as indicações quer se trate duma queda, dum envenenamento, duma dor repentina, ou dos sintomas ou das manifestações de qualquer doença.

*Regra de bem viver para conseguir a longa vida*

1 vol. de 958 páginas nitidamente impresso, profusamente ilustrado, lindamente encadernado em percalina **Esc. 35\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

LISBOA — Rua Garrett, 73, 75



**ILUSTRAÇÃO**

Director: ARTHUR BRANDÃO

Editor: José Júlio da Fonseca

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)

Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL — Rua da Alegria, 30 — Lisboa

Administração: Rua Anchieta, 51, 1.ª — Lisboa

**PREÇOS DE ASSINATURA**

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular .....	30\$00	60\$00	120\$00
(Registada) .....	32\$40	64\$80	129\$60
Ultramar Português .....	—	64\$50	129\$00
(Registada) .....	—	69\$00	138\$00
Espanha e suas colónias .....	—	64\$50	129\$00
(Registada) .....	—	69\$00	138\$00
Brasil .....	—	67\$00	134\$00
(Registada) .....	—	91\$00	182\$00
Outros países .....	—	75\$00	150\$00
(Registada) .....	—	99\$00	198\$00

**VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA**

**GOTOSOS E REUMATICOS**

Em menos de 24 horas, podás acalmar as vossas dores com o

**ESPECIFICO BÉJEAN**



O remédio mais ACTIVO prescrito pelas autoridades médicas contra

a **GÔTA, a SCIÁTICA**  
os **REUMATISMOS**  
Agudos ou Chronicos

e todas as dores de origem artrítica  
Um único frasco bastará para vos convencer da rapidez da sua acção.

À venda em todas as Pharmácias e  
Produits BÉJEAN - Paris

**A MAIS BELA REVISTA FEMININA QUE SE PUBLICA  
TÔDAS AS SEMANAS**

**MARIE-CLAIRE**

Leitura captivante e educadora — Aspecto interessante e atraente — Sumários variados e tentadores

Páginas magnificas sôbre: **Família e Arte de Viver — Beleza e Higiene — Modas — A Casa, O Lar, O Jardim — Alimentação — Movimentos, ginástica**

ROMANCES — NOVELAS — CARTAS

NUMEROSAS GRAVURAS A PRETO E A CÔRES

FIGURINOS E MODELOS das mais simples às mais luxuosas «toilettes», chapéus, penteados, etc.

**O MAIS BELO E APRECIADO REPOSITÓRIO  
DOS CUIDADOS DA MULHER MODERNA**

Cada número de 60 páginas, com uma artística capa a côres, **Esc. 3\$00**

DISTRIBUIDORES PARA PORTUGAL

**LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73 — LISBOA**

**PAULINO FERREIRA**

**:: ENCADERNADOR - DOURADOR ::**

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,  
NOVIDAS A ELECTRICIDADE

**CASA FUNDADA EM 1874**

Premiada com medalha de ouro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — **DIPLOMAS DE HONRA** na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

**TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GÊNEROS** simples e de luxo

**Orçamentos Grátis**

**Rua Nova da Trindade, 80 a 92 — LISBOA**

**Telefone 2 2074**



Dr. Bengué, 16, Rue Ballu, Paris.

**BAUME BENGUÉ**

Apr. D. S. P. em 0 3 1913 500 o N° 28

**RHEUMATISMO-GOTA  
NEURALGIAS**

Venda em todas as Pharmácias



**O que certas  
pessoas dizem de  
certos produtos:**

É quasi a mesma coisa.  
Tambem é bom...  
Fica mais em conta..

Mas os conhecedores  
continuam usando a

**Cafiaspirina**

O PRODUTO DE CONFIANÇA

DESCOBERTO, FABRICADO E  
GARANTIDO PELA CASA BAYER

À VENDA

AGOSTINHO DE CAMPOS

Da Academia das Ciências de Lisboa

# GLOSSÁRIO

DE INCERTEZAS, NOVIDADES, CURIOSIDADES  
DA LÍNGUA PORTUGUESA, E TAMBÉM DE  
ATROCIDADES DA NOSSA ESCRITA ACTUAL

1 volume brochado ..... 15\$00  
Pelo correio à cobrança ..... 16\$50

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

**GRAVADORES  
IMPRESSORES**

**Bertrand, Irmãos, L.<sup>da</sup>**

Telefone 2 1368

Travessa da Condessa do Rio, 27  
LISBOA

## ACABA DE APARECER

Indispensável a Juizes e Delegados do Procurador da República, Notários,  
Funcionários policiais, Conservadores do Registo Civil, Câmaras Municipais  
(serviços notariais), Estabelecimentos prisionais,  
Estudantes de Direito, de Medicina Legal e de Antropologia, etc.

# DACTILOSCOPIA

(IDENTIFICAÇÃO — POLÍCIA CIENTÍFICA)

PELO DR. LUÍS DE PINA

Professor da Faculdade de Medicina. Director do Instituto de Criminologia e do Arquivo de Identificação, Secção do Pôrto

**A primeira obra, no género, em Portugal**

Obra que versa tôdas as matérias respeitantes ao assunto, profusamente documentada com gravuras, tabelas,  
diagramas e estatísticas

Índice completo da legislação respeitante à identificação Civil e Criminal, à Dactiloscopia,  
à Polícia Científica, etc. Completas indicações bibliográficas portuguesas e estrangeiras

1 vol. de 518 págs., formato 24×16 1/2, com desenhos do autor, 30\$00; pelo correio à cobrança 33\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73-LISBOA

PROPRIEDADE  
DA LIVRARIA  
BERTRAND

REDACÇÃO E  
ADMINISTRA-  
ÇÃO: RUA AN-  
CHIETA, 31, 1.º  
TELEFONE: -  
2 0535

N.º 310 - 13.º ANO  
16-NOVEMBRO-1938

# ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa

Director ARTHUR BRANDÃO

Editor: José Júlio da Fonseca - Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL - Rua da Alegria, 30 - LISBOA

Pelo carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

Há quarenta e nove anos — fê-los ontem — chegou a Lisboa a notícia da proclamação da República Brasileira.

Nesse mesmo dia nascia no palácio das Necessidades o infante D. Manuel que, por imposição de uma fatalidade sangrenta, viria a ser rei de Portugal. O general Deodoro da Fonseca, que tanto se distinguira nas guerras do Paraguai e Uruguai, tomara a direcção do movimento insurreccional que, por traição do general Almeida Barreto, levou à proclamação do novo regime.

D. Pedro II fôra colhido de surpresa, embora se dissesse que nada ignorava e que se limitava a observar. Na natural despreocupação com que encarava as coisas, não viu (ou não quiz ver)

## O 49.º ANIVERSÁRIO DA REPÚBLICA BRASILEIRA

que o país se agitava, e que bastaria o mais pequeno incidente para determinar a sua queda. Sempre filósofo, o soberano olhava para tudo com a maior calma e resignação. No ministério encontrava-se o visconde de Ouro Preto que era execrado pelo povo. Referviam cóleras... Nisto, as tropas saem para a rua no propósito de obrigar o governo a demitir-se. À frente do movimento estava Deodoro da Fonseca, Benjamim Constant, Quintino Bocayuva, Rui Barbosa

e outros valiosos elementos militares e civis.

E se em vez de derrubarem um ministério, destituissem o imperador?... Se proclamassem a República?

Esta ideia foi aplaudida com entusiasmo, e a mudança de instituições realizou-se tão rapidamente que mal se deu por isso.

E assim surgiu a florescente República Brasileira que, ao cabo de quarenta e nove anos de existência, conseguiu cobrir-se de séculos de prestígio, mantendo intangível a divisa da sua gloriosa bandeira — *Ordem e Progresso*.

O Brasil, em toda a sua grandeza e expansão é hoje um País grandioso que se impõe ao Mundo pela sua iniciativa, esforço e patriotismo.



RIO DE JANEIRO — cidade de sonho

# ACTUALIDADES DA QUINZENA



O Chefe do Estado e o sr. subsecretário de Estado das Corporações com os corpos gerentes da Associação de Socorros Mútuos dos Empregados no Comércio e Indústria que festejou o 84.º aniversário da sua fundação. O sr. Presidente da República, presidindo à sessão solene, colocou as insígnias da Ordem de Benemerência no estandarte associativo



O sr. general Carmona e sua esposa com algumas das pessoas que cumprimentaram a senhora de Carmona pelo seu aniversário natalício. — *A direita:* Os srs. ministros da Educação Nacional e da Alemanha, com algumas das personalidades que visitaram a exposição bibliográfica da Semana do Livro Alemão, na Sociedade Nacional de Belas Artes



O sr. Presidente da República e o ministro da Educação Nacional visitando a exposição de quadros de Júlio Ramos, na Sociedade Nacional de Belas Artes. O Chefe do Estado, após ter visto demoradamente as produções deste artista, manifestou-lhe, no final, o seu grande apreço em palavras elogiosas

# AS ÚLTIMAS ELEIÇÕES



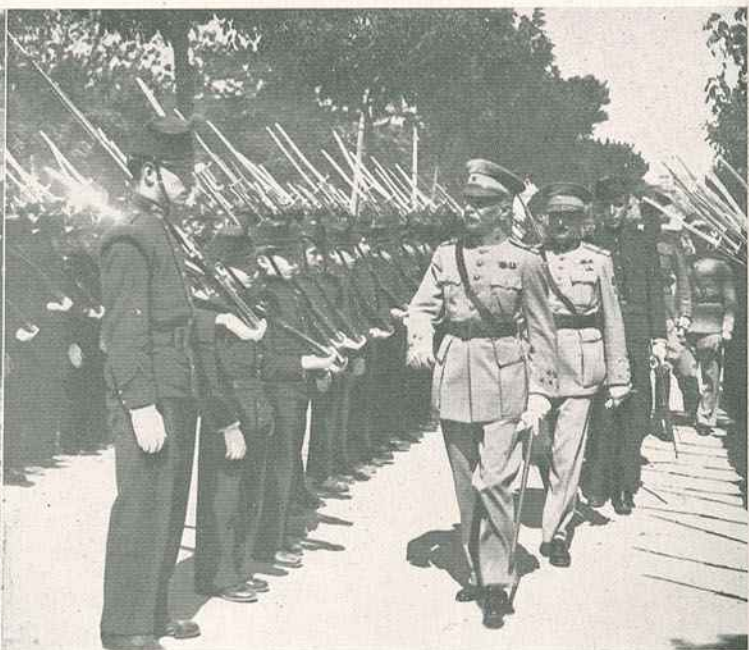
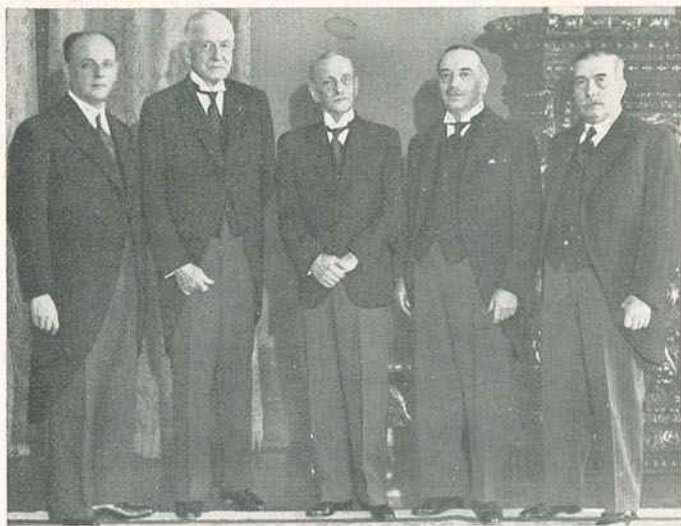
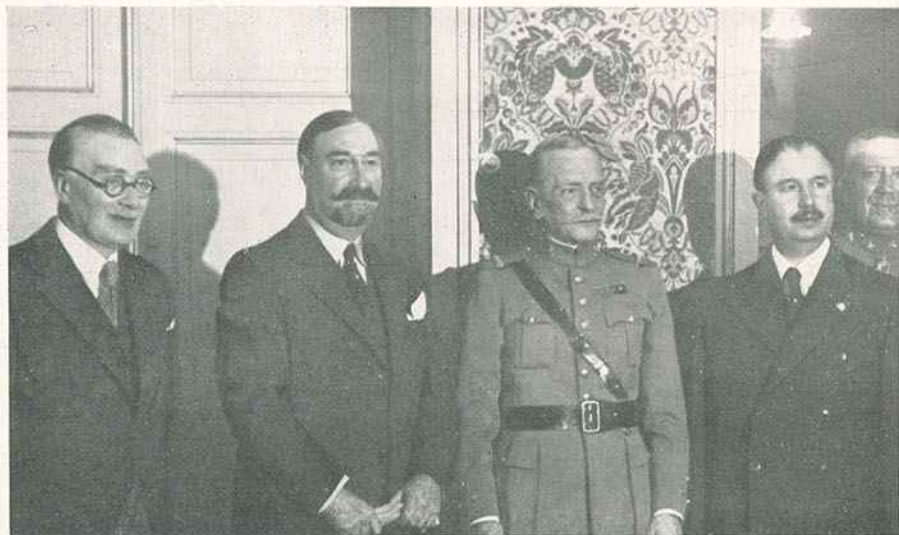
Aspectos da concorrência e apuramento nas últimas eleições realizadas em 6 do corrente. — *Em cima:* O sr. ministro das Obras Públicas, votando. — *A' direita:* O sr. ministro do Interior, acompanhado pelo sr. ministro da Agricultura, percorrendo as assembleias eleitorais. — *Ao centro:* O sr. Presidente do Conselho entregando o seu voto. — *Em baixo:* Os trabalhos de apuramento do acto eleitoral na Câmara Municipal de Lisboa, sendo proclamado o sr. dr. José Alberto dos Reis o deputado mais votado com 90.799 votos

# NOTÍCIAS

DA

# QUINZENA

O sr. Presidente da República com os srs. ministros da Educação Nacional e da França e o sr. Octave Aubry no Teatro Nacional, onde o ilustre historiador francês realizou uma conferência sobre «Napoleão e o amor». Uma assistência numerosa e selecta aplaudiu entusiasticamente o conferente que percorreu a vida amorosa do famoso côrso que dominou o Mundo sem que conseguisse ser senhor num coração feminino ..

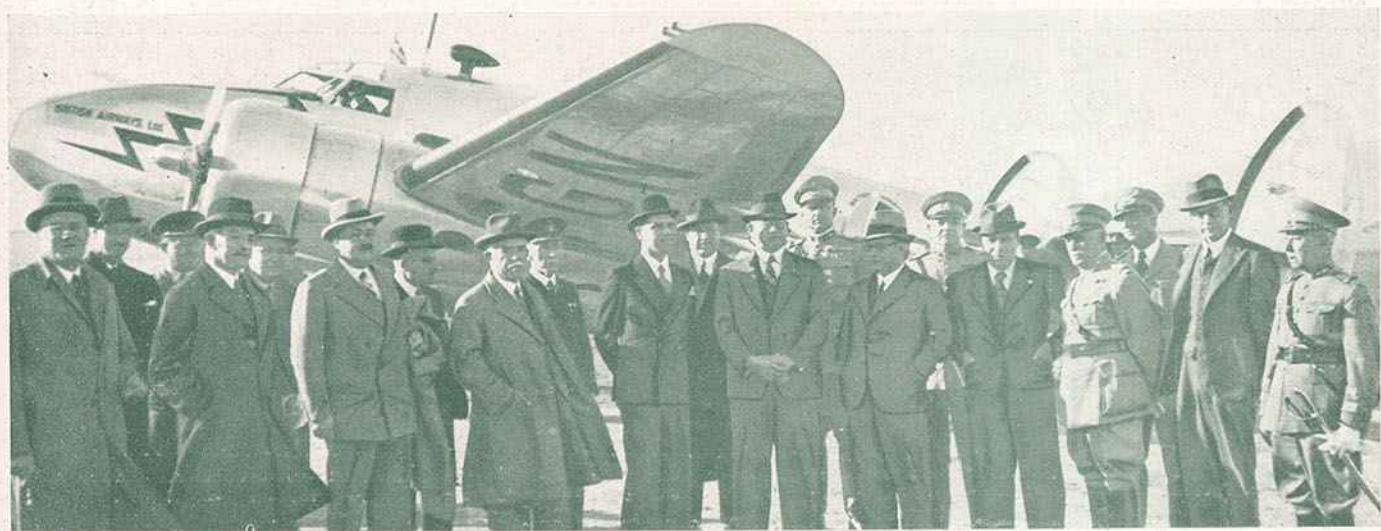


*À centro, à esquerda:* O sr. Presidente da República com os srs. Thomas Watson e Pierre Vasseur, respectivamente presidente e secretário da Câmara de Comércio Internacional, no Palácio de Belém. — *À direita:* A chegada do sr. Thomas Watson a Lisboa, a bordo do «Astúrias». — *Em baixo:* O Chefe de Estado na Escola Central de Oficiais em Caxias, acompanhado pelo sr. brigadeiro Couceiro de Albuquerque. — *À direita:* O sr. Presidente da República, antigo aluno do Colégio Militar, passando revista ao batalhão deste modelar estabelecimento de ensino, de tão gloriosas tradições



# A VISITA DO MINISTRO DA DEFESA NACIONAL DA UNIÃO SUL-AFRICANA

A assistência ao jantar oferecido na Embaixada de Inglaterra ao dr. Oswaldo Pirow, ministro da Defesa Nacional da União Sul-Africana. — *Acima:* No almoço oferecido pelo Chefe do Estado no Palácio de Belém ao sr. dr. Oswaldo Pirow. No terraço do palácio enquanto servem o café. Na fotografia vêem-se os srs. Presidente da República, Presidente do Conselho, ministro da Marinha e das Colónias, ministro da Defesa Nacional e encarregado de Negócios da União Sul-Africana e dr. José Almada. — *Em baixo:* O sr. dr. Oswaldo Pirow com as individualidades que lhe apresentaram cumprimentos de despedida no aerodromo de Sintra





Monumento a João Huss na praça da Câmara Municipal de Praga

CREIO ter sido eu o último jornalista que teve a honra de ser recebido por Benés antes de ter abandonado a suprema magistratura na Checoslováquia. Pelo menos, que se saiba, depois da grande reunião do dia 7 de Julho no Palácio de Haradcaný, em Praga, o ex-presidente da República Eduardo Benés nunca mais recebeu pessoas estranhas aos gravíssimos negócios que começaram a preocupar os dirigentes checos logo a seguir ao X Congresso dos "Sokols", a que assisti em representação da imprensa brasileira.

Eu e Benés já éramos conhecidos. Em 1932, pela primeira vez em Praga, assistia entre 200 jornalistas a um almoço por ele oferecido na sua qualidade de ministro dos Negócios Estrangeiros, no típico restaurante de Borandow. Havia ficado estabelecido que um jornalista francês falasse em nome de toda a imprensa a agradecer o acolhimento gentil que nos era prestado. Porém, atrás do francês falou um inglês. Após o inglês um jugoslavo. Depois um romeno. Em seguida um búl-



Rapezas da Morávia com os seus trajes regionais

garo. Filósofava comigo próprio que afinal a verborreia não é exclusiva de Portugal, quando se levantou, perto de mim, um jornalista espanhol, e começou por dizer:

— Em nome da Imprensa da península ibérica...

Confesso que tive ganas de gritar — não apoiado! — porém o protocolo forçou-me a ouvir silenciosamente uma caduça de inconveniências que a todo o instante feria o meu orgulho de português. E mal terminou, não me contive. Levantei-me e em bom ou mau francês — para o caso não interessava — disse perante aquela assembleia internacional onde estavam presentes jornalistas de toda a parte do mundo, que era português. Sensação! Ainda mais, que pertença também à península ibérica! Outra vez sensação! E por muito que isso contrariasse o meu ilustre e simpático *hermano*, que eu não o tinha encarregado de falar em nome da imprensa ibérica... por que não existia a não ser no seu exaltado imperialismo. Benés e o resto da assistência ouviu-me. Ouviu-me e aplaudiu-me. Pareceu-me que tinham gostado... pelo menos do meu protesto o mais delicado e cortez possível.

Seis anos depois encontro-me novamente com Benés numa festa nos jardins do Palácio de Haradcaný. Éle, chefe do Estado e eu representante da Imprensa brasileira.

O chefe do protocolo tinha recebido a incumbência de apresentar ao Presidente os jornalistas que se encontravam em Praga, e um de cada nação. Coube-me a vez como delegado da Imprensa brasileira. Estamos em semi-círculo, e por ordem alfabética. E eu que devia ser o primeiro por não se encontrarem presentes representantes da Alemanha, Argentina ou Albânia, fui o último por que Benés, em certo momento, em vez de ter rodado para a direita virou-se para a esquerda.

A excepção de mim e dum padre irlandês, também jornalista, todos os outros eram a primeira vez que iam à

## NO CORAÇÃO DA EUROPA

# As malogradas aspirações da grande Checoslováquia

### Conversando com o Presidente Benés

Checoslováquia. Quando me estendeu a mão, Benés começou por me perguntar se estava satisfeito por me encontrar na Checoslováquia e que tal achava a hospitalidade do povo de Praga. Por delicadeza e por ser verdade, respondi textualmente:

— Estou encantado, Excelência. De resto eu já conhecia Praga.

— De quando? perguntou-me imediatamente ao mesmo tempo que me fitava.

— Do outro congresso dos "Sokols", de 1932.

— Ah! Agora me recordo do senhor. Mas o senhor não é português? Não foi o senhor um dos jornalistas que discursou em Borandow, durante o banquete que ali ofereci.

— Eu mesmo, Excelência!

— Pois tenho duplo prazer em o ver novamente na Checoslováquia. E só desejo que leve do meu país a melhor das impressões. E que diga em Portugal, e no Brasil, que a Checoslováquia muito admira esses dois países que têm um passado comum e um presente que corre parelhas pela sua grandeza.

A minha resposta foi a única que um homem em situação igual à minha podia dar:

— Obrigado Excelência! Não esquecerei as palavras de V. Ex.ª.

— Espero que não seja a última vez que vem à Checoslováquia. Pelo menos ao próximo Congresso, em 1944.

— Sim, sr. Presidente, a não ser que não seja vivo!

Este breve diálogo travado à sombra de faias e abetos do lindo parque do castelo de Haradcaný, num cenário de sonho, entre montenegrinos, búlgaros e jugoslavos com as suas fardas berrantes e polícromas, num momento histórico para a Checoslováquia, deixou no meu espírito de jornalista acostumado a tantas emoções, e nos meus olhos bisbilhoteiros, que tanto têm visto, uma impressão que já mais se apagará. Três meses depois Benés forçado pelas circunstâncias internacionais, após haver sofrido como patriota a sua quota parte no sacrifício que a todos os checos foi imposto, deixou a chefia da nação e voltou para o convívio dos seus livros, e do seu lar.

Porque foi possível à Alemanha sair victoriosa, mais uma vez, em menos de meia dúzia de meses, dum conflito que se não foi provocado pelo III Reich, tam-

bém não foi aberto pelo governo de Praga? Para responder a esta pergunta seria necessário um longo estudo. Remeter na poeira dos arquivos e ressuscitar, sobretudo, as injustiças praticadas com a assinatura do tratado de Versalhes. Adiante. A Alemanha que eu conheço desde 1931, é hoje uma Alemanha diferente do país que o chanceler Brüning governou até um ano e meio antes da morte do feld-marechal von Hindenburg. Se eu fosse alemão eu era hitleriano, orgulhosamente um cidadão do III Reich. Assim limito-me a admirar, sem paixão exaltada, tudo quanto de bom o regime "nazi" tem feito a bem da Humanidade e a condenar o que de mau e de pernicioso dêle provém para os povos.

Socegado com a minha consciência que não ouçula à mão direita o que faz a esquerda, e vice-versa, voltemos à Checoslováquia e dediquemos-lhe hoje, mais esta despreziosa crónica, de homenagem ao seu belo sacrifício, sacrifício sem paralelo na história dos povos depois da Grande Guerra, a favor da paz na Europa e em todo o Mundo.

Eis, em meia dúzia de linhas, um resumo histórico da Checoslováquia, herdeira com Eslovaquia, do famoso reino da Boémia. E' na primeira metade do século IX que aparece como estado unificado reunindo a Boémia e a Morávia.

Primeiro soberano: Mojunir que reina de 830 a 846. Sucedem-lhe Rostilav e Svatojpluk, até que em 894 com a morte dêste último monarca a Boémia é fácil presa dos Magyares que a incorporam a Hungria.

Em 1278 o reino da Boémia estendia-se por grande parte da Alemanha Oriental e de Polónia actuais e abrangia toda a Hungria.

Mais tarde, de 1346 a 1378, no reinado de Carlos IV, a Boémia mais pequena vai até ás portas de Berlim e só em 1526 depois da célebre batalha da Montanha Branca é que a Boémia, á qual tinha pertencido sempre a chamada região dos sudetas, é incorporada ao império dos Habsburgos. Nasce então o reino da Boémia, Austria e Hungria. Foi nessa ocasião que entraram pela primeira vez na região acabada agora de ser unida à Alemanha, os primeiros alemães. Durante 392 anos a Boémia, a Morávia e a Eslovaquia não souberam o que era viver. Conheceram só a escravidão como nós, mais felizes, durante 60 anos.

Em Outubro de 1918 era reconhecida a independência da Boémia e a forma-

ção da Checoslováquia a quem 20 anos depois a França, por cujas liberdades os checos verteram generosamente o seu sangue, esqueceu, esquecendo todos os os compromissos assumidos e a assinatura dos seus estadistas na hora em que a vitória lhe sorriu sobre a Alemanha.

A Checoslováquia aceitando a dura decisão da conferência de Munich, no interesse da paz europeia, esperava que na delimitação da nova fronteira checo-alemã pela Comissão de Berlim, fosse respeitada, honestamente, a verdadeira fronteira étnica, na região dos sudetas, entre a população checa e alemã, e que se tomasse em consideração que á Checoslováquia, na sua nova situação, fossem asseguradas as mais importantes linhas de transporte para desta maneira se lhe tornarem possíveis os fundamentos da sua nova vida económica.

Mas a decisão da Comissão de Berlim apresentada em formade ultimatum, conservou em toda a sua extensão as más condições das exigências estabelecidas em Godesberg, não respeitando a verdadeira fronteira étnica e englobando nas regiões cedidas à Alemanha alguns distritos, partes dêles, cidades e vilas com a maioria de população checa.

Citemos alguns casos que mais se salientam: No distrito de Policka foram ocupados sem fundamento, 6 vilas com o total de 5.848 checos e 354 alemães; na cidade de Policka, capital do mesmo distrito vivem 5.891 checos e só 149 alemães. Em todas estas vilas, segundo o recenseamento de 1910, a maioria é checa.

No distrito de Sanskroun foram ocupadas 9 vilas puramente checas respectivamente com 7.410 checos e 179 alemães; segundo o mesmo recenseamento estas vilas tinham a maioria da população checa.

No distrito de Usti N/Orl foram ocupadas 4 vilas com 1.092 de checos e 198 alemães. No distrito de Litomysl tiveram igual sorte 4 vilas checas ligadas a povoações checas com 1.346 checos contra 257 alemães. No distrito de Trutnov passaram para o domínio germânico, sem justificação alguma, 2 povoações com 494 checos e 5 alemães, e no de Dvur Kralove, 2 povoações com 286 checos e só 1 alemão.

Na provincia da Morávia a situação não é melhor. A importante estação fronteiriça Breclav com vilas e povoações circunvisinhas que em 1910 tinham 11.186 checos e 6.421 alemães; em 1930, 18.120 checos e 1.808 alemães, foi também ocupada. Todo o distrito de Zabreh com 42.094 habitantes checos e 26.017 alemães, ligado a vilas checas do distrito de Sumperk, foi ocupado, assim como o distrito de Hranice com 7 vilas, que já no ano de 1910 eram puramente checas.

Se tomarmos em consideração a decisão da Comissão de Munich vemos que foram ocupadas 315 vilas com maioria checa, segundo o recenseamento último de 1930; segundo o recenseamento aus-



Os pitorescos cruceiros da Checoslováquia

triaco de 1910 é de 251, o número de vilas checas unidas à Alemanha. É conveniente salientar que este número de povoações checas é referente somente àquelas que têm ligação com o território checo, excluindo as povoações checas encerradas em regiões onde os alemães têm preponderância maioritária. O número destas povoações, assim cercadas, é de 60.

Se a fronteira estabelecida pela zona V fór definitiva resultará que serão unidos à Alemanha além dos 2.807.000 alemães, mais 720.000 checos, o que representa mais de um décimo de toda a população checa. Por sua vez os alemães residentes em cidades e vilas checas que continuam no território checoslovaco, não irão além de 250.000.

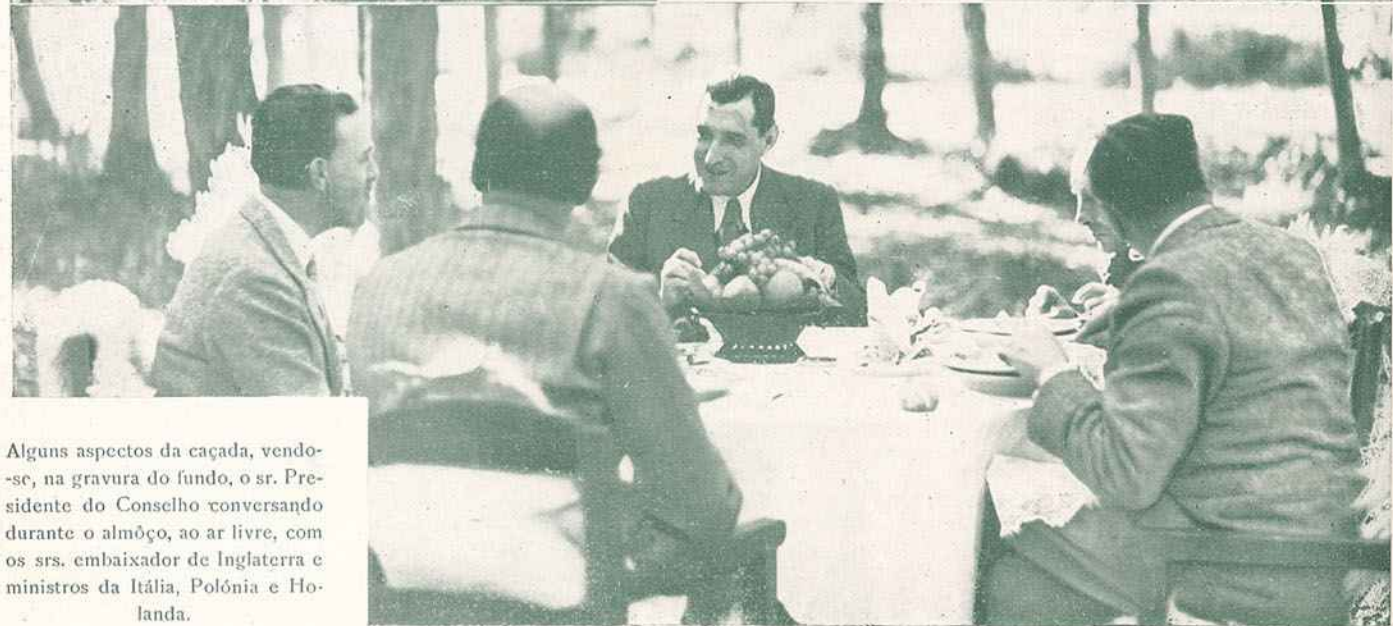
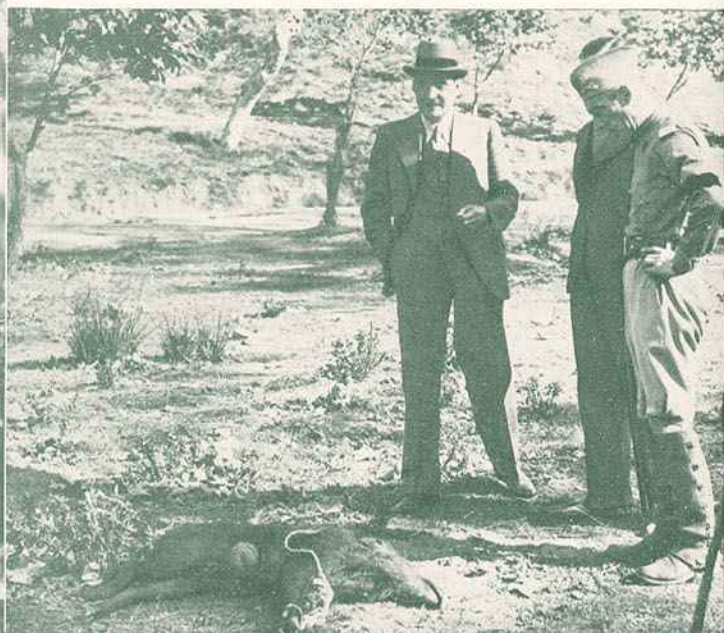
A Comissão de Berlim tomou como base para o estabelecimento da nova fronteira, o recenseamento de 1910.

Quem, porém, conhece a história do Império Austríaco, no que respeita às lutas das nacionalidades, sabe que na ocasião dêsse recenseamento de 1910 não foram tomadas em consideração nem a língua nem a nacionalidade. Aceitou-se como língua aquela que servisse de entendimento geral entre os indivíduos. Visto, porém, a facilidade com que as autoridades públicas (austriacos falando a língua oficial alemã), os grandes proprietários e fabricantes influenciavam os seus empregados e operários, não repugna acreditar-se que a grande número de operários e empregados checos para não perderem a sua posição ou desmerecerem ante os seus superiores, declararam como língua de entendimento geral, o alemão. Daqui o facto de inúmeros checos tomados como alemães. Todos estes factos são, certamente, conhecidos pela Comissão de Berlim. Onde estará a justiça e a boa intenção?

ARMANDO DE AGUIAR.

## CAÇADA NA TAPADA DE MAFRA

oferecida pelo sr. Presidente do Conselho  
a alguns membros do Corpo Diplomático



Alguns aspectos da caçada, vendo-se, na gravura do fundo, o sr. Presidente do Conselho conversando durante o almoço, ao ar livre, com os srs. embaixador de Inglaterra e ministros da Itália, Polónia e Holanda.

# O DESPORTO NA VIDA FEMININA



O desporto tem o seu lugar e bem importante ele é, na vida da mulher de hoje. A medicina decreta — o indispensável à saúde e o movimento é aconselhado como regenerador das raças enfraquecidas.

E' sem dúvida optimo para a saúde e na minha última estada em Inglaterra tive ocasião de assistir a um torneio de «tennis» que se pode dizer era uma esplendida exposição de exemplares da raça humana.

Os quarenta «courts» de «tennis» estavam guarnecidos por pares de jogadores, que respiravam força e saúde, beleza e robustez por todos os poros.

Vi também um «match» de «polo», e foi-me dito por pessoa autorizada que na Inglaterra onde a tuberculose fez estragos horríveis, existe uma pequenissima percentagem de tuberculosas, e que se atribui á vida higiénica e salutar ao ar livre, a diferença que apresentam as estatísticas, da percentagem dessa doença, numa população que habita num país cujo clima de constante humidade é uma ameaça aos órgãos respiratórios.

A criança inglesa começa a fazer desporto logo que começa a andar pode assim dizer-se, o amor ao desporto, que têm os pais incita os filhos a imitarem-nos, porque as crianças vivem a imitar os adultos que as rodeiam.

O desporto entretém as crianças, os adolescentes e os adultos, é preparar-lhes um ser moral muito diferente do que possuem os naturais dos países onde o desporto é por assim dizer um enxerto, que a moda decreta, e não uma necessidade que o hábito cria.

Os jovens ingleses têm uma simplicidade que os latinos desconhecem e uma simpática ingenuidade, que os torna esplendidos camaradas e amigos.

Para ser um verdadeiro desportista é necessário ser leal e essa lealdade adquirida nos diversos jogos, torna-se uma segunda natureza e é aplicada na vida de todos os dias.

As raparigas conservam-se crianças até mais tarde e não têm esta «esquetherie» prematura, que se nota nas raparigas dos países não desportistas.

Habituada a jogar; como camaradas a distraem-se com inocentes jogos, elas não têm a preocupação de ser mulheres antes de tempo.

Em Inglaterra é rarissimo ver-se uma rapariga muito nova pintada, o que é considerado e muito bem, do peor gosto, porque prejudica completamente a frescura e o encanto das raparigas.

Como se torna necessário o desporto na vida das crianças para lhes assegurar uma melhor saúde, está também indicado, que se torne uma das suas distrações, porque a verdade é que sem distração o homem não pode viver.

E é bem preferível que as crianças e as jovens aproveitem as suas horas de descanso dos estudos, jogando o «golf», o «tennis» ou qualquer

outro jogo bemfazejo, do que perder horas numa sala fechada, assistindo a uma «matinée» de cinema, respirando um mau ar, ou intoxicando a alma, com conhecimentos, que só podem contribuir para as desmoralizar por completo, ou ainda vendo revistas, que tendo as mesmas inconvenientes, tem ainda o de as ordenarizar com frases e ditos dos mais vulgares e baixos.

A rapariga que tem hoje a mesma vida intensiva de estudo que o rapaz, precisa como ele de se desintoxicar ao ar livre e de refazer os seus músculos, calmar os nervos e adquirir forças físicas que lhe permitam o esforço intelectual.

Porque para estudar com facilidade, como para trabalhar com proveito, é absolutamente necessário que a saúde esteja perfeita e os nervos completamente equilibrados.

Ha muito quem seja contrário ao desporto para as raparigas, dizendo que as torna demasiadamente masculinas e acrescentando, que antigamente a rapariga não fazia desporto e havia senhoras de saúde tão perfeita, que atingiram uma idade avançadissima, que nunca talvez as desportistas de hoje conseguirão.

Todas as que habitualmente me lêm sabem quais as minhas ideias sobre a educação da mulher e como entendo, que hoje mais do que nunca, a mulher tem de ser bem mulher, e convencer-se do seu grande papel no lar e na família.

No entanto neste ponto discordo dessas opiniões. O que faz mal no desporto é o exagero, é considerá-lo numa finalidade da vida. Efectivamente estas meninas que vivem para torneios de «tennis», para exageros na equitação e para todos os excessos desportivos, acabam por adoecer e por ver os seus esforços aniquilados pela tuberculose e pelas doenças nervosas.

Mas isso é apenas resultado do excesso que em tudo é prejudicial, mas o desporto usado como distracção, e só feito durante algumas horas por dia essas horas de recreio entre o estudo ou o trabalho, é da maior utilidade na vida da rapariga moderna.

Não se pode exigir duma rapariga nova exuberante, com saúde, cheia de vida, que necessita expandir a sua mocidade em alegria e movimento, que passe a sua vida apenas entregue a estudos sérios, ou nos arranjos de casa.

E' preciso que viva com alegria e o desporto será para ela uma bem melhor distracção do que os espectáculos que em geral a rodeiam.

Uma partida de «tennis», um passeio a cavallo, uma hora de remo, far-lhe-ão muito melhor à saúde e dar-lhe-ão uma muito maior alegria, contribuindo para a sua simplicidade de espirito, lealdade de alma e formação de carácter, que é sempre necessário ter em vista.

Os desportos têm de ser escolhidos segundo o clima e as estações, o que é muito agradável no verão, torna-se impraticável no inverno.

Nós temos no verão esplêndidas praias para a natação, deliciosos rios para o desporto do remo tão pouco usado entre nós, e tão útil para a saúde.

Um dos encantos dos arredores de Londres é o Tamisa, que vemos coberto de graciosos barquinhos e nêles lindas raparigas remando. Como ficaríamos bem esses lindos barcos e graciosas tripulantes, no nosso magestoso Tejo, no Mondego, no Douro, no Lima e no Minho, e, em tantos outros rios, de margens encantadoras que possuímos neste belo país.

No inverno estão indicados o «tennis» e o «golf», que o excesso do calor tornam incomodativos no verão, com o sol forte que temos a felicidade de possuir, e que nos amadurece as frutas tornando as doiradas e belas como as frutas do Olimpo.

A equitação pode ser usada todo o ano porque depende apenas da hora em que se dá o passeio e as manhãs frescas e lindas de verão e as tardes de sol no inverno estão indicadas para este desporto de tão antigo uso e tão útil para a saúde.

Mas um dos melhores desportos para esta época é sem dúvida o «golf» de que já temos alguns óptimos campos nos arredores de Lisboa e Pôrto e nalgumas outras cidades.

Mais tarde temos os desportos de inverno, na Serra da Estrêla, mas esses dependem muito da neve e do estado em que o frio a põe.

E' um desporto na infância, entre nós, e que apenas está ao alcance dum reduzido número porque exige automóvel e fazer despesas que nem a todos é possível.

Na Suíça, na Suécia e na Noruega são os desportos de inverno os mais apreciados e estão ao alcance de todas, neve gelada, endurecida própria para patinar, e fazer «ski» há-a por toda a parte e para quem gosta de aliar a elegância ao desporto tem estações célebres como Saint-Moritz, Adelbadeu, e tantas outras, onde mostrar a sua habilidade de esquiadoras e a sua elegância de mulheres.

Mas contentêmo-nos com o que a natureza nos dá e habituemos as crianças a interessar-se pelos desportos de que facilmente podem dispor.

MARIA DE EÇA.





Eça de Queirós

De 7 de Outubro a 23 de Dezembro o mesmo jornal inseriu mais dez composições semelhantes, que surpreenderam pela estranha imaginação e por um estilo como nunca se vira: não faltou quem julgasse tratar-se dum matoide!

Jaime Batalha Reis, um dos seus mais queridos companheiros diz: "Os folhetins foram notados — mas como novidade extravagante e burlêsa. Geral hilaridade os acolheu desde a redacção da *Gazeta de Portugal* até aos centros intelectuais reconhecidos do país, e até á parte mais grave, culta e influente do público.."

Então, de 1 de Janeiro a Agosto de 1867, Eça redige o semanário *Districto de Évora*, de opposição governamental, e redige-o todo, da primeira linha á última — política, literatura e notícias!

Volta a Lisboa, e recomeça a colaboração na *Gazeta de Portugal*, cujo director, Teixeira de Vasconcelos, observa, em pitoresca charge de conversa: — "Tem muito talento este rapaz; mas é pena que residisse em Coimbra, que seja inteiramente doído, que haja nos seus contos, sempre, dois cadáveres amando-se num banco do Rocio, e que escreva em francês.."

São mais nove belas composições, de 6 de Outubro a 22 de Dezembro de 1867. Quem diria que essas páginas da *Gazeta* inauguravam em Portugal uma nova era literária?

Pertenceu, desde esse tempo, Eça ao grupo que se denominou *Cenáculo*, e em que avulla a grande figura de Antero de Quental.

Eça de Queirós, intermitentemente, exerce a advocacia... Mas — adivinha-se — não pode desprender-se do seu sonho de arte!

Diz Batalha Reis: "A evolução crítica de espírito de Eça de Queirós continuava. Um dia veio mostrar-nos, ao Antero de Quental e a mim, o primeiro esboço, muito desenvolvido — tão extenso que levou várias noites a lêr — dum romance intitulado *História dum lindo corpo*.."

Mas passaram-se dois anos sem que nada publicasse!

Nos fins de 1869 faz, com o seu amigo Conde de Rezende, uma viagem ao Egipto e á Palestina.

Que horizontes lhe abre esta viagem! A' volta, em Janeiro de 1870, principia a *Morte de Jesus*, no jornal *Revolução de Setembro*.

A 24 de Julho começa a sair em folhetins, no *Diário de Notícias*, o *Misterio da Estrada de Sintra*, em que colabora com Ramalho Ortigão. Encontra esse romance o mais vivo successo; terminando no diário a 27 de Setembro, é logo editado em volume.

E' então que Eça presta provas de concurso para consul, sendo o primeiro classificado.

Toma Eça a iniciativa da publicação de *As Farpas*, com Ramalho Ortigão: o 1.º n.º sai em Maio de 1871.

Neste mesmo mês iniciam-se as *Conferencias do Casino*: inaugura-se Antero do Quental. Eça realiza no dia 12 de Junho a sua conferência — *Do realismo na Arte*.

A 16 de Março de 1872 é nomeado

## NOTAS SÔBRE EÇA DE QUEIRÓS

A' volta das suas cartas inéditas ao livreiro Ernesto Chardron

consul de Portugal nas Antilhas Espanholas.

Mas continua até Novembro, em que parte para Cuba, séde do consulado, a sua colaboração n'*As Farpas*, onde deixava páginas de ironia onparaveis, e duma tal cintilação de estilo que se diria inverosímil em linguagem portuguesa.

Consul, que seria feito do escritor? Passa-se um ano de inteiro silêncio: no principio de 1874 aparece o conto *Singularidades duma rapariga loira*, no *Brinde do Diário de Notícias*.

E mais um ano de silêncio se passa... Então, na *Revista Occidental*, surge *O Crime do Padre Amaro*!

Era uma obra, em que já pensava em Coimbra, e que fôra realisando em Évora, em Leiria, em Lisboa. Em 1871 concluiu a sua primeira forma, que daria 100 páginas, em oitavo; e communicar-a a alguns amigos. Acompanhou-o á América, voltou á Europa. E nos primeiros meses de 1875 saía, enfim, á luz da publicidade. Parece que ainda com os protestos do auctor, que Batalha Reis, director da *Revista Occidental*, senhor do manuscrito, surpreendera começando a inseri-la, sem a revisão que queria dar-lhe.

No conceito de Antero, transmitido em carta a Oliveira Martins, quando safu o 2.º n.º da *Revista*, o "*Padre Amaro* era Pigault-Lebrun forrado de Flaubert". O grande poeta acrescentava: "Mas o Batalha tem ideias fixas, e algumas bem singulares: diz que o *Padre Amaro* é uma *revolução*, e não sai daqui.."

O futuro diria quem tinha razão.

Entramos agora nos apontamentos sobre as cartas de Eça ao livreiro Ernesto Chardron.

A 1.ª edição do *Crime do Padre Amaro*, foi de oitocentos exemplares, e feita por iniciativa e á custa do pai de Eça de Queiroz. Enviada a Chardron, foi posta á venda em Julho de 1870.

De aí datam as relações do escritor com a Casa que seria, de futuro, a sua editora (Livreria Chardron — Livreria Lugan & Gênelioux — Livreria Lelo & Irmão).

Na portada da obra: *Eça de Queiroz | O Crime | do Padre Amaro | Edição Definitiva | Lisboa. | Tipografia Castro Irmão | 31, Rua da Cruz de Pau, 1870.*

Tinha 362 páginas, além de três dum pequeno prefácio, do qual vale a pena transcrever algumas linhas:

"A designação inscrita no frontispício d'este livro — *Edição Definitiva* — necessita uma explicação.

"O *Crime do Padre Amaro* foi escrito há quatro ou cinco anos, e desde essa época esteve esquecido entre os meus papéis — como um esboço informe e pouco aproveitável.

"Por circunstâncias que não são bastante

interessantes para serem impressas — êste esboço de romance, em que a acção, os caracteres e o estilo eram uma improvisação desleixada, foi publicado em 1875 nos primeiros fascículos da *Revista Occidental*, sem alterações, sem correcções, conservando tôda a feição de esboço e de um improviso..

Hoje *O Crime do Padre Amaro*, aparece em volume — refundido e transformado. Deitou-se parte da velha casa abaixo para erguer a casa nova. Muitos capítulos foram reconstruídos linha por linha; capítulos novos acrescentados; a acção modificada e desenvolvida; os caracteres mais estudados e completados; tôda a obra enfim mais trabalhada.

Assim *O Crime do Padre Amaro* da *Revista Occidental* era um rascunho, a *edição provisória*; o que hoje se publica é a obra acabada, a *edição definitiva*.

Eça de Queiroz, fôra transferido do consulado de Cuba para o de Newcastle em Novembro de 1874, e data o prefácio de Akenside Tewace, a 5 de Julho de 1875. Só de aí a um ano é a obra posta á venda..

Parece que o seu successo não foi grande, e a critica não despertou sequer para reparar na importância do esforço realisado pelo escritor. Vê-se a queixa maguada d'este na seguinte passagem duma carta dirigida a Ramalho Ortigão e datada de Newcastle, a 7 de Novembro de 1876:

"Peguei no *Padre Amaro*, e escreva sobre êle, com justiça, sem piedade, com uma severidade fêrrea — o seu juízo — e remeta-m'o. Tenho absoluta necessidade disto: mas não de improvisos espirituosos ou de fantasias — uma critica á Planché, austera, carrancuda e salutar. Eu, que já agora pertenco todo á arte, vou por um caminho que não sei qual é: é o bom, o sublime, o mediocre? Isolado no meu quarto, produzindo sem cessar, sem critica externa, sem o critério alheio, abimado na contemplação de mim mesmo, pasmado ás vezes do meu génio, succubindo outras sob a certeza da minha imbecilidade — arrisco-me a *faire fausse route*.

É necessário que uma voz de fora me diga: olhe que o estilo, que V. imagina admirável, é simplesmente tolo: olhe que essa concepção do bem, do mal, das responsabilidades, é falsa; olhe que êsses processos levam á vulgaridade, etc., etc., etc. Preciso conselhos, direcções, preciso *conhecer-me a mim mesmo* — para perseverar e desenvolver o bom, evitar o mau, ou modifica-lo e disfarça-lo. — Mas há lá coisa mais difficil? Que se conheça a si mesmo o homem que não tira os olhos de si mesmo, é quasi impossivel: anquilososa-se a gente num certo feição moral, de que não sai. Diga-me V. portanto o que acha bom e mau no *Padre Amaro*. Talvez isto venha tarde — porque, receio,

os novos livros que, se Deus quizer, vou levar são concebidos, feitos, no mesmo ideal — mais perfeito como processo, mais misantropo como concepção. Mas, enfim, faça essa critica, e remeta-a, manuscrita entenda-se.

Que me diz V. á nossa *Critica*, que não teve uma palavra para o *Padre Amaro*? Que vergonha! Não tem V. uma Farpa, uma das melhores, para lhe rachar os cachacos? Peço-lhe, isso, amigo, escache-os: mesmo para evitar que eu o faça, e que no meu próximo livro escreva um prólogo — com dinamite, fel, salitre e baba de tigre esfomeado..

Esta verdadeira conversa á *batons rompus* denotava decepção, ansiedade e uma certa irritação velada pela ironia.

E cansaço... "Estou abafado com trabalho. Como quero levar prontos trabalhos de certa importância — não grande — e como meu pai me chama e o frio me expulsa, forço a máquina, para ela dar todo o seu fôlego.."

Quando Batalha Reis o *traíra*, começando a publicação do *Crime do Padre Amaro* na *Revista Occidental*, Eça, a tirado assim para a frente, fôra obrigado — e em boa hora — a voltar á intensa actividade literária.

Mas de que modo? Vê-se como, duma carta a Ramalho, de Março de 1875: — "Por aqui ficarei a acumular adjectivos sobre a cabeça tonsurada do bestial Padre Amaro. A propósito d'esse individuo, dir-lhe-ei que a sua carta convenceu-me, um pouco á *contre coeur*, de que a melhor maneira de aceitar o desastre literário, preparado e executado por Batalha — era calar-me, emendar, refazer tranquilamente o romance, e publica-lo num volume — que se *pertença e responda por si*.."

Fizera-se a refundição do romance, fora impresso, consignado a Chardron (por diligencias de Ramalho) puzera-se á venda, enviara-se aos jornais. E durante este tempo todo (de Fevereiro de 1875 a Julho de 1876) Eça partilhara o seu labor; e, além do *Padre Amaro*, outras figuras o ocuparam, em outros livros pensou, muitas outras páginas escreveu.

É uma febre verdadeira de criação artística. N'*As Farpas*, de Janeiro de 1877, Ramalho Ortigão galarôa-o com palavras entusiásticas, mas justas:

"A razão da condenação silenciosa, do escândalo branco, que envolveu a aparição de *O Crime do Padre Amaro* está no simples facto de que êle é um *romance de caracteres*. Esta simples designação explica tudo.. O livro do sr. Eça de Queiroz oferece-nos o primeiro exemplo duma obra suggerida pela consideração dum problema social. E todavia *O Crime do Padre Amaro* não é, de nenhum modo, um livro de critica; é um livro de pura arte na mais alta acção desta palavra.

Nem na bôca do autor nem na de nenhuma das suas personagens ha uma palavra declamativa ou didáctica. Nunca artista português desenvolveu na sua obra maior poder de execução. O diálogo, trasbordante de verdade, é dum rigor psicológico, dum colorido fla-



Eça de Queirós

grante e duma energia de naturalidade que os primeiros estilistas francezes não conseguiram ainda igualar... Êste livro, misantropicamente concebido, e executado com uma ironia mordente e com um humorismo repassado de lágrimas, deixa todavia no espírito uma forte impressão consoladora; é a obra dum grande artista, dum poderoso revelador de ideal; e, como toda a idealização perfeita, repousa-nos das nossas preocupações pessoais e egoistas, engrandece-nos, eleva-nos aos nossos próprios olhos, infunde-nos a fé, obriga-nos a crêr no sagrado desinteresse da arte, na divina imortalidade do belo..

As cartas a Chardron darão ideia dos seus planos de trabalho, da fúria da execução, das hesitações que o atormentam, das difficuldades em dar vazão a tôda a ideação complexa que o deslumbra e o embaraça.

Em carta de Fevereiro de 1877 informa Chardron de que está trabalhando n'*O Primo Bazilio*, e que vai enviar-lhe alguns capítulos. E de que em 1878 trabalhará num novo romance — *Os vícios da linda Augusta*.

O *Primo Bazilio* chamara-se, a principio, *O Primo João Carlos*.

Em carta de Abril de 1877 diz que foi obrigado a sair de Lisboa, quando estava *fazendo a cópia do Primo Bazilio*. Não tardará a enviar-lhe original: faz a primeira remessa em 17 de Maio; outra a 15 de Junho.

E a composição do *Primo* vai correndo: chovem as provas. Mas a tipografia queixa-se da enormidade das emendas; Chardron recalceira: e o escritor, em

carta de Agosto, aplaca-o, dizendo-lhe que tem razão; confessa que toda a culpa da demora na impressão é sua. E em 5 de Outubro de 1877 faz a última remessa de original...

Todavia vê-se que a *enormidade* das emendas não cessou nunca: *O Primo Bazílio* só ficou pronto em fevereiro de 1878, sendo posto á venda no dia 20.

Entretanto, em carta de 5 de Outubro de 1877 surge um grande plano. E Eça conta realizá-lo em 12 meses!

Visão alucinante, para quem não podia ter a facilidade dum Ponson du Terrail...

"Eu tenho uma ideia, que penso daria excelente resultado. É uma colecção de pequenos romances, não excedendo de 180 a 200 páginas, que fôsse a pintura da vida contemporânea em Portugal: Lisboa, Porto, províncias; políticos, negociantes, fidalgos, jogadores, advogados, médicos — tôdas as classes, tôdos os costumes, entrariam nesta galeria.

A coisa poderia chamar-se *Cênas da Vida Real*, ou qualquer outro título genérico mais pitoresco. Cada novela teria o seu título próprio. Como compreende, estas novelas devem ser curtas, condensadas, todas d'feito, e não devem exceder 12 volumes. Os personagens duma apareceriam nas outras, de sorte que a colecção formaria um todo... Seriam trabalhadas de modo, e com tanta pimenta, que fariam sensação — mesmo em Portugal. Eu tenho já o assunto de três, e uma quasi completa: numa pintam-se o jôgo e os jogadores, noutra a prostituição, e a outra é um drama de incesto doméstico.

Já vê que não vou com meias medidas e que ataco o touro pelos cornos, como dizem os franceses.

O encanto destas novelas — que são mais difíceis de fazer que um romance — é que não há digressão, nem declamação, nem filosofia; tudo é interesse e drama, e rapidamente contado: lê-se numa noite, e fica-se com impressão para uma semana.....

A mim esta ideia da novela encanta-me. Há uma quantidade d'assuntos escabrosos, que se não podem tratar num longo romance, e que se dão perfeitamente na novela...

Em todo o caso uma das novelas está pronta — é só copia-la: chama-se o *Desastre da Travessa do Caldas*, ou talvez, não sei ainda: *O caso atroz de Geneveva*.

Trata-se dum incesto. Deve dar 200 páginas ou mais. Alguns amigos, a quem comuniquei a ideia dela e parte da execução ficaram impressionados — ainda que um pouco escandalizados. Não quer dizer que seja imoral ou indecente. É cruel.

Que lhe parece este livrinho como *d'ètrennes* para o 1.º de Janeiro? Em carta de 3 de Novembro de 1877 muda o título geral para — *Crônicas da Vida Sentimental*. Mas já anuncia a Chardron que não poderá dar cada volume senão de seis em seis meses. E continua:

"As *Crônicas da Vida Sentimental* constam de doze volumes. Cada um dos romances tem a sua acção própria e desenlace próprio; mas, sendo estudos dos factos mais característicos da nossa sociedade, formam no seu todo um quadro

geral da vida contemporânea. A obra é uma espécie de *Galeria de Portugal* no século XIX.

Para produzir, porém, um alto grau de interesse — é necessário dar-lhes diversidade. Assim, alguns pintarão costumes gerais da nossa sociedade: o *Prédio n.º 16*, será o jôgo; *A Linda Augusta*, a prostituição; o *Bacharel Sarmiento*, a educação e as escolas, etc. Outros serão o estudo d'alguuma paixão ou drama excepcional: assim a *Geneveva* é o incesto; *Soror Margarida*, a monomania religiosa; teremos ainda o *Milagre do Vale de Reriz*, para mostrar o fanatismo das aldeias; *O Bom Salomão* dar-nos-ha a agiotagem. O primeiro volume está muito adeantado; hesito: talvez o *Desastre da Rua das Flores*, talvez os *Amores dum Lindo Moço*. Em todo o caso é o incesto... Julgo-o infinitamente superior (sem comparação possível) ao *Primo Bazílio*, e confesso que estou ansioso por o ver publicado. O *Primo Bazílio* é mais para o público literário; mas este é uma verdadeira bomba literária e moral..

É evidentemente a este livro que se refere em carta a Ramalho, escrita de Newcastle na mesma data:

"Eu por aqui — não fazendo, não pensando senão Arte. Acabei o *Primo Bazílio* — uma obra falsa, ridícula, afectada, disforme, piegas e *papulosa*, isto é, tendo a propriedade da papoula — somnolificente. De resto Você lerá — isto é dormir. Seria longo explicar como eu — que sou tudo, menos insípido — pude fazer uma obra insípida. — Mas essa explicação era, ela mesma, outro romance, *et bien autrement poignant et singulier. Mais, Dieu, je crois que dans ce moment-ci je prends une petite revanche passablement étincelante*. É o novo livro que estou a fazer — isto é, a concluir quasi. Dêsse ha de Você gostar, e não ha de dormir. Ah não; dormir é que Você não hade: insultar-me, desesperar-se, revoltar-se, arrepelar-se, chamar-me *crápula*, isso sim. Mas dormir! Estou-lhe a preparar uma! Esfrego daqui as mãos com um júbilo perverso. Espero que será publicado logo depois do *Primo Bazílio*..

A actividade de Eça parecia não ter limites. Em abril de 1877 iniciára uma série de correspondências, datadas de Londres, para *A Actualidade*, jornal do Porto; são 18 crônicas que dariam um volume, e estão abandonadas, como que inéditas!

Também uma certa opressão de dinheiro affligia o escritor; da correspondência de Eça, agora publicada no *Dom Casmurro*, conclui-se que chegou a esperar que pelo labor literário se libertaria dêsse inquietante pêso, o qual, decerto, foi o móbil principal da gigantesca empreza dos doze volumes por ano, que propoz ao livreiro portuense.

Pedira a Chardron, por cada um dos romances da série, 35 libras, ou fôsem 157.500 reis; Chardron achou demais. Em carta de 21-11-1877, Eça obtempera:

"Eu desejo muito que o sr. Chardron seja o meu editor, e creio que esta união nos pode ser a ambos vantajosa...

É claro que eu não posso remar contra

a maré nem alterar as condições do mercado literário, nem exigir a V. Ex.ª que sofra prejuizo: portanto, se as minhas propostas não são possíveis, ao mar com elas.. E pede por todos os 12 volumes — 1.200\$000 reis, aproximadamente 22 libras por cada um.

Na mesma carta informa:

"O primeiro n.º está quasi concluído: é, creio, o romance melhor e mais interessante que tenho escrito até hoje. A este segue-se na ordem dos trabalhos, se Deus quizer, o *Milagre do Vale de Reriz*.."

O leitor terá já, sem dificuldade, descoberto que esta novela — *Desastre da Rua do Caldas — Desastre da Rua das Flores — O Caso atroz de Geneveva* ou *Os Amores dum Lindo Moço* (por todos estes títulos já designada) virá a constituir o fundo do romance *Os Maias*, que só veio a publicar-se em 1888, e no qual Eça cerziu o assunto de várias das novelas que andara ideando.

Vê-se, de outra carta, que esteve para ser mudado o título geral da obra tentada para *Crônicas do Vício — Estudos naturais e sociais*.

Esta mudança visava, não pode haver dúvida, a facilitar a venda. O escritor tinha de se conformar, demais na estreiteza do meio português, com as tristes realidades... O vício atrai! E nessa carta despejadamente observa: — "O réclame é indispensável mesmo para Victor Hugo.."

E, entrando em detalhes sobre o réclame a fazer ao *Primo Bazílio*, lembra: — "1.º, anúncios, locais, etc.; 2.º, artigos críticos (difícil) Chagas, Júlio Machado, Junqueiro; 3.º, oferecer o livro a algumas pessoas de sociedade (4 ou 5 de S. Carlos).. — e dá a estas dádivas às pessoas de sociedade a maior importância, para a boa propaganda. Interessante!

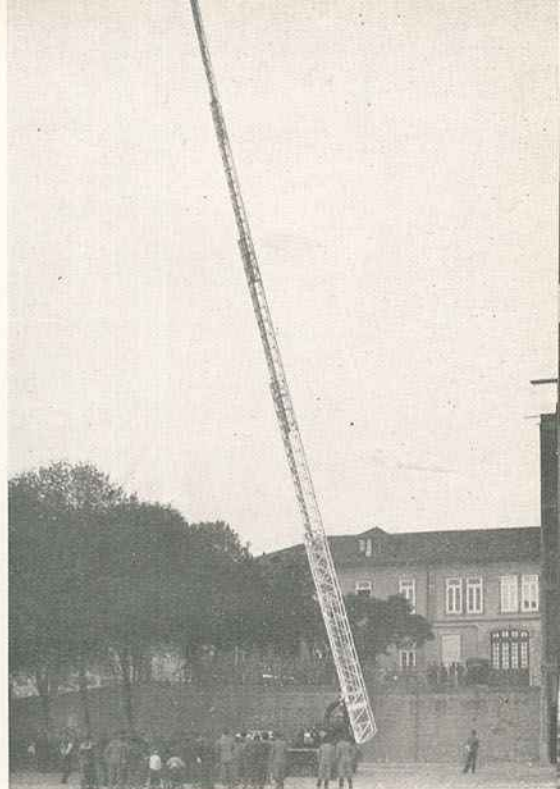
Em carta de 28-1-1878 volta ao título geral dos 12 volumes e dá o de cada um:

"Não acho título melhor do que *Cênas Portuguesas*. Podia também ser *Cênas da Vida Portuguesa*. Se tiver ocasião de escrever ao Ramalho, consulte-o sobre isto. Julgo conveniente e desejo que só anuncie em preparação os três primeiros contos: o primeiro deve ser *A Capital*. Eis os títulos dos contos, se Deus quiser que tudo corra bem: I — *A Capital*. II — *O Milagre do Vale de Reriz*. III — *A Linda Augusta*. IV — *O Rabecaz*. V — *O Bom Salomão*. VI — *A Casa n.º 16*. VII — *O Gorjão, primeira dama*. VIII — *A Ilustre Família Estarreja*. IX — *A Assembleia da Foz*. X — *O Conspirador Matias*. XI — *História dum Grande Homem*. XII — *Os Maias*.

Seria ridículo anunciar mais de três; o primeiro em todo o caso é *A Capital*, que está arranjada..

Porém, o inimigo de toda esta improvisação desabalada aproximava-se... Foi o successo extraordinário que teve *O Primo Bazílio*, posto á venda no dia 28 de Fevereiro de 1878. A noção das suas responsabilidades literárias vai tornar-se opressiva para o escritor — tornar-se mesmo angustiosa, até quasi o paralisar!

# ECOS DA QUINZENA



Na presença da edilidade portuense e de outras entidades oficiais realizou-se na capital do Norte uma aparatosa e interessante apresentação do novo material de incêndios do Corpo de Salvação Pública — o que constituiu um espectáculo curioso e bem demonstrativo da excelência daqueles serviços de interesse público e cidadão. — *A' direita:* A nova escada Magyrus — a maior de Portugal — 35 metros de altura.



O comandante Azevedo Franco, acompanhado pelo seu chefe de estado maior, inicia a sua prova para almirante na sala do Estado Maior Naval. — *A' direita:* Um aspecto da cerimónia religiosa nas ruínas do Convento do Carmo para comemoração do 507.º aniversário da morte do Santo Condestável.



A romagem à cripta dos Combatentes no dia de finados, que constituiu uma enternecedora manifestação de saúdade. — *A' direita:* Um aspecto da visita à vala comum, sobre cujas sepulturas foram depositas braçadas de flores. Ali se encontravam acesas milhares de velas e lamparinas de azeite em latas, pedaços de barro e quantos objectos podiam servir de recipientes para tal fim.



Pedição para o cancro

aperfeiçoamento para médicos, funcionando anexos a Centros de Diagnóstico ou no próprio Instituto Português de Oncologia, cuja tríplice missão consiste na investigação, no tratamento — cirúrgico, pelos Raios X e pelo rádio — e na propaganda, esta junto de doentes e de médicos, doentes e médicos aliados na luta científica contra o grande flagelo que dizima, todos os anos, milhares de doentes no nosso país.

O Instituto Português de Oncologia, dirigido pelo notável mestre prof. dr. Francisco Gentil, estabeleceu dentro do país, sistemática, persistente e científica, a luta contra o terrível mal.

Ninguém, pois, melhor do que o Instituto Português de Oncologia, amparado pelo Estado, pelos amigos e pelo público, tem compreendido qual a sua verdadeira missão.

Na última metade do mês de Outubro, a Comissão Directora do Instituto promoveu a "Primeira Série das lições sobre o cancro e o seu tratamento", série feita pelos mestres estrangeiros, Goyanes, Laborde, Craemer e Holthusen. Nas suas lições notáveis e proveitosas, aqueles mestres estrangeiros explicaram, a professores e médicos portugueses, a clínicos, a investigadores e a trabalhadores do cancro, o significado moderno da luta anticancerosa estabelecida nalguns países da Europa, na Espanha, na França e na

Essencial, vital na luta contra o cancro a propaganda, a divulgação de ensinamentos úteis a todos os doentes e o estabelecimento de cursos de

Alemanha, tendo palavras de sincero e justo elogio para a obra realizada pelo Instituto Português. Este organismo foi

# OS PERIGOS DO CANCRO

## A cruzada do Instituto Português de Oncologia

considerado pelos mestres estrangeiros como um dos melhores Institutos do mundo, cuja contribuição para a resolução do problema, a-pesar de ignorada pelo grande público luzitano, tem sido mundialmente apreciada e criticada.

O prof. Holthusen, de Hamburgo, presidente do Congresso Mundial de Radiologia, — honra que suficientemente atesta o saber do mestre germano, — disse ser o nosso Instituto factor primordial na campanha contra o cancro na Europa.

O prof. Craemer, de Berlim, director dos serviços do cancro no Hospital Virchow daquela cidade, cujas lições sobre os cancros do estômago e dos pulmões interessaram especialmente os assistentes desta primeira série de lições, afirmou ser o Instituto Português de Oncologia pedra basilar na luta contra o terrível mal e disse que a organização do nosso Instituto, — pedaço da Europa encravado na Estrada de Palhavã —, afirmava Portugal e o Prof. Francisco Gentil, na vanguarda dos países e dos mestres que lutam com plano, método, ciência e humanidade contra o cancro.

Todos os mestres da primeira série de lições sobre o cancro e o seu tratamento, notando, e com aguda observação, a indifferença de certos elementos pouco habituados ao estudo, afirmaram ser esta a grande fase de organização e combate contra o cancro e que nessa fase, tão importante como as que fatalmente lhe têm de suceder, Portugal ocupa, mercê da energia do prof. Francisco Gentil, nome conhecido por todos os trabalhadores do cancro, cujo poder de execução e visão clara constituem um exemplo sem precedentes entre nós, um lugar de primeira fila entre as nações que ao problema do cancro têm emprestado o melhor do seu esforço, ciência e carinho.

Apraz-me como médico, e como português, como estudante que todos os dias

procura aprender alguma coisa, registar os insuspeitos depoimentos, altamente significativos e justos, de Craemer, Laborde e Holthusen e divulgá-los, após o rescaldo das lições, para que a nossa grei aprenda e saiba o que se faz em Portugal nesta hora de renovação, — para que tenha orgulho de ser portuguesa e repita o que estrangeiros ilustres dizem abertamente, procurando honrar o nome português, a ciência portuguesa, — ao contrário de muitos dos nossos compatriotas que, por inconfessável pejo ou ignorância, não dizem de Portugal e dos portugueses que trabalham e estudam a verdadeira verdade.

Este é o sincero nacionalismo — o que dá a Portugal, alheio a lutas intestinas, o que é dos portugueses.

A propaganda do cancro constitui um dos meios de luta mais eficazes contra o cancro.

Ensinar o público a estimar, a considerar o Instituto Português de Oncologia, a frequentar as suas consultas, a procurar os médicos habituados ao diagnóstico do cancro é lutar contra o terrível flagelo.

O Instituto Português de Oncologia não propaga nem faz cancros: — diagnostica, estuda, trata e cura os cancerosos que não perderam inutilmente tempo, arrastados pelos réclamos dos curandeiros ou pelos curadores do cancro que, na mira de boa receita pecuniária, e debaixo das brandas vistas das autoridades, procuram impingir e vender o seu elixir milagroso.

O cancro não se trata com elixires ou injeções misteriosas, mênzinas oculhas ou infusos de plantas ou terras raras.

Não percam tempo. É preferível visitar o Instituto Português de Oncologia quando um nóculo ou um caroço vos atormente ou preocupe, doloroso ou indolor, e sair do referido Instituto com a certeza de que esse nóculo não é um

cancro, a visitar o Instituto, gasto um tempo precioso, quando o mal é irreparável.

O Instituto Português de Oncologia, cuja modelar organização e funcionamento foram justamente louvados pelos mestres estrangeiros que ultimamente nos visitaram, não cura ou trata o desleixo, o desmazelo dos doentes, cura e trata o cancro pelos três únicos meios que existem para tratamento e cura do cancro: cirurgia, os Raios X e o rádio.

Tenho ouvido dizer muitas vezes, e a indivíduos com responsabilidades na vida, que os trabalhadores do cancro procuram descobrir ou descobrem o tumor maligno em todos os doentes que observam.

Semelhante disparate, dito por pessoas cultas, significa total desconhecimento da ciência médica e dos modernos processos de diagnóstico.

O médico, quando é médico e conhece a sua profissão, os meios de que pode dispor e qual a sua posição social, só diagnostica o que vê, o que observa e pode certificar.

O médico, o centro de diagnóstico, o Instituto Português de Oncologia, só diagnostica o cancro quando este infelizmente existe.

Só o diagnóstico precoce do cancro e o seu tratamento podem salvar o doente.

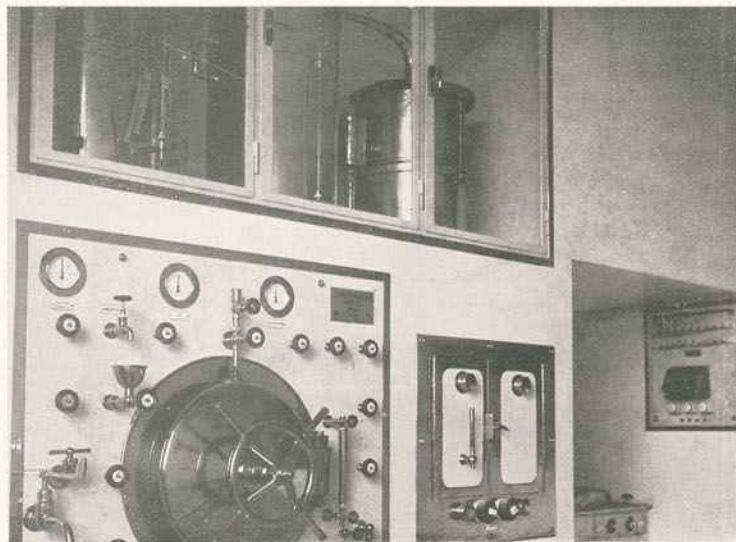
Recorra imediatamente ao Instituto Português de Oncologia, ao seu médico, ao



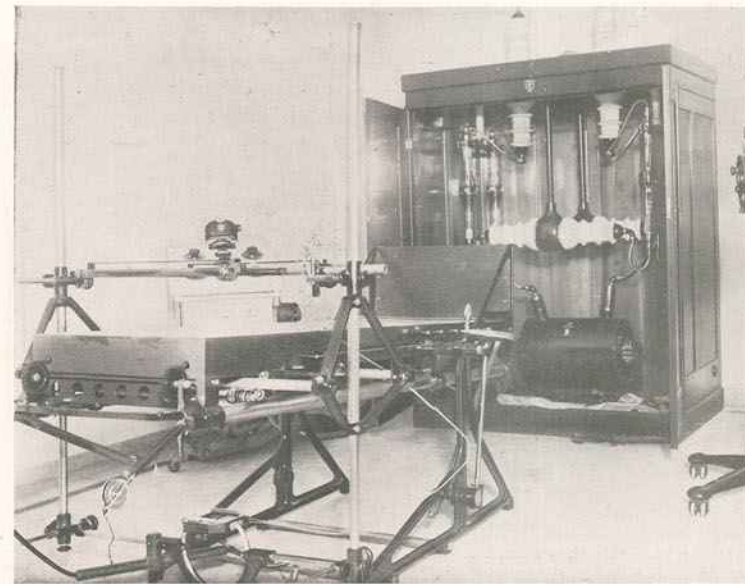
A cruzada contra o cancro

primeiro centro de diagnóstico que lhe esteja à mão, sempre que a dúvida lhe assalte o espírito.

AUGUSTO D'ESAUVY.



Um bello aspecto das instalações do Instituto do Cancro



Outro aspecto das instalações do Instituto do Cancro



# A vinte anos de distância do armistício



Já lá vão vinte anos que a Humanidade sentiu o alívio do armistício após uma guerra pavorosa que destruiu cidades e ceifou milhões de vidas. O Mundo respirou... Decorrido este curto prazo, voltaram a toldar-se os horizontes, e a pomba da paz esvoaçava novamente ameaçada. Entretanto, os pacifistas tentam por todos os meios evitar as carnificinas que, no fim de contas, nada resolvam, antes complicam a existência dos povos, na base da sua felicidade. Surgirá a Paz, a grata Paz que todos ambicionam? Eis o que toda a Humanidade aspira ardentemente, embora contribua, por um estranho fenómeno, para que se realize o contrário.



A esposa do Presidente da República Francesa, inaugurando em Paris o monumento às Mães Francesas, onde depoz um ramo de flores no monumento que, sendo de pedra, representa milhões de corações alcançados.



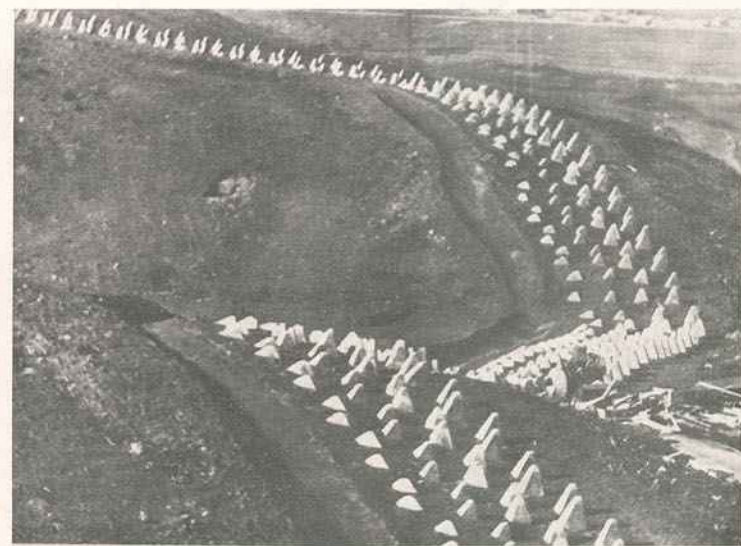
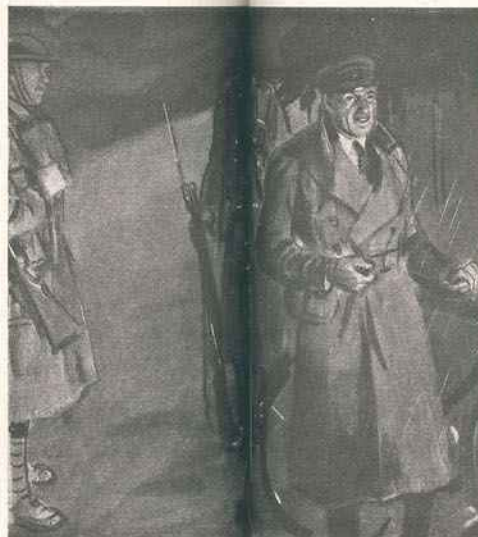
O monumento comemorativo da batalha das nações, em Leipzig, há 125 anos. Foi aqui que terminou o domínio de Napoleão sobre a Alemanha. Este monumento foi levantado em 1913, tendo custado seis milhões de marcos.



A evocação do armistício aparece num momento em que a Paz não está definitivamente assegurada. Quando parece raiar uma aurora prometedora do sossego, logo uma nuvem aparece a escurecer essa miragem e a espalhar a ansiedade em todos os corações. Entretanto, os pacifistas trabalham activamente, empregando os seus melhores esforços para alcançar os fins almejados por todo o Mundo. Fala-se em aumentar cada vez mais os armamentos seguindo-se a velha teoria do *si vis pacem, para bellum*... Resta saber se essa teoria manterá a sua intangibilidade como base da Paz.



Vinte mil italianos destinados a povoar e colonizar a Líbia chegam ao ponto do seu destino. A Itália itensifica, dia a dia, a sua expansão no Mundo, numa ansia idêntica à dos tempos de Júlio César.



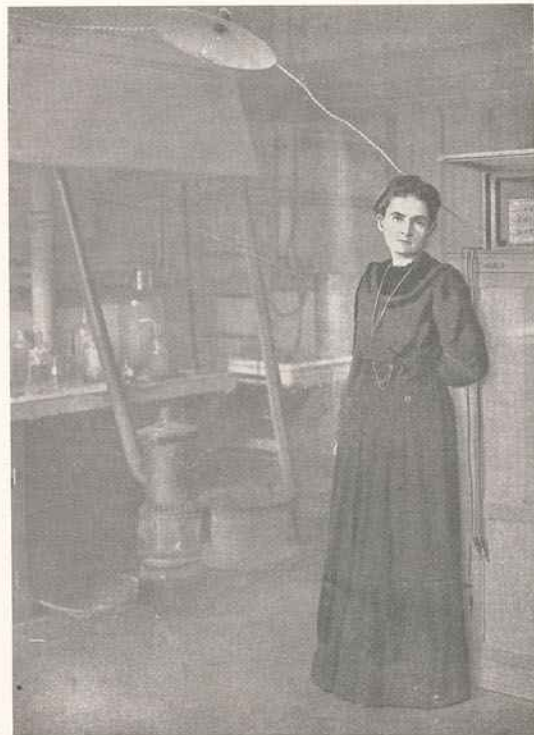
As obras de fortificação da Alemanha na fronteira do oeste, vendo-se os obstáculos fragosos das «pedras de morte» para os carros de assalto. Essa enorme fortificação lembra uma queixada gigantesca e terrível.



Dr. Juliet-Curie na sua torre gigantesca de condensadores, procedendo a uma experiência

III

QUANDO a fama veio encher de glória o nome de Curie e tornou-se universalmente conhecido, choviam em casa destes sábios telegramas sem número, artigos de jornais com elo-



Madame Curie no seu laboratório

gios, pedidos de autógrafos e retratos do casal, cartas, poemas cantando a eficácia do radium, e até da América chegou um pedido de autorização para dar o nome de Curie a um cavalo de corridas. Os Curies não davam ainda a sua missão por concluída, e tôdas essas demonstrações de popularidade não conseguiram destruir o abismo que persistia entre eles e o público.

Na primavera de 1904 Maria escrevia a seu pai estas linhas: "Os importunos não nos abandonam; decidi tomar uma atitude enérgica e não recebemos ninguém, excepção feita dos fornecedores que nos vêm abastecer de manhã cedo, e, apesar desta atitude, eles ainda continuam a tomar-nos aquele tempo que a ciência exige de nós até concluirmos a nossa missão. As honras, a glória e a fama vieram estragar a nossa existência que, de pacífica e laboriosa, ameaça completa ruína..." Havia em Maria uma timidez que paralizava todo o seu ser logo que se apercebia de que a sua pessoa era motivo de curiosidade. Um dia, o casal, já então baleado pela fama universal, fôra convidado a assistir a um banquete no palácio do Eliseu, ao tempo em que o senhor Loubet era Presidente da República Francesa.

Depois do jantar, a senhora Loubet aproximou-se de Maria, e perguntou-lhe se desejava ser apresentada ao rei da

Grécia em honra de quem se realizava aquela festa. Maria sentiu-se invadida pela invencível timidez e respondeu involuntariamente: "Talvez não seja necessário, madame la présidente..." mas, apercebendo-se da falta de polidez que havia no seu gesto e na surpresa que causara na senhora Loubet, ainda se corrigiu a tempo da gaffe com a seguinte junção: "Pois sim,

# NOBRES EXEMPLOS

## A grande sábia Madame Curie

### Notas sobre a vida desta mulher genial

minha senhora... faça como lhe aprouver".

Em 1904 nasceu a segunda filha dos Curies, a quem foi dado o nome de Eva. No dia 3 de Julho de 1905, Pedro foi finalmente eleito membro da Academia de Ciências e na Sorbonne, tinha-se criado uma cadeira de física, cuja regência lhe foi confiada.

A situação financeira da família começava assim a desanuviar-se, mas ainda eram necessários mais oito anos de paciência e perseverança antes que Maria pudesse instalar convenientemente a sua radioactividade em laboratório apropriado.

Pedro não chegou a ver esse laboratório, sonho de toda a sua vida, e a tristeza que este facto causou em Maria acompanhou-a até ao fim da vida.

No dia 14 de Abril de 1906, Pedro escrevia estas linhas a um amigo íntimo: "Minha mulher e eu ocupamo-nos neste momento em conseguir dosar o radium, conforme o número de emanações que produz".

Cinco dias mais tarde Pedro, falecia e as linhas, que acabamos de transcrever, são o testemunho da união inalterável, que sempre existiu entre os dois.

Na sexta feira 19 de Abril de 1906, pelas 14 horas, Pedro despedia-se dos seus colegas da Faculdade de Ciências, depois de ter concluído a sua lição.

Era uma tarde de chuva e de ruas escorregadias; Pedro muito distraído, como sempre, escorregou na calçada e foi esmagado por uma enorme viatura, que transportava uma carga que pesava para mais de 6 toneladas. Às 6 horas da tarde, Maria, alegre e despreocupada, abriu a porta de casa a dois amigos em cuja fisionomia transparecia uma dor profunda.

Chegaram ainda outros amigos cujas demonstrações de compaixão não deixavam lugar para mais dúvidas. "Morreu!?... Pedro?... morreu!?..."

Pedro que trouxessem o corpo do morto para casa; confiou a filha Irene a uma família amiga; enviou um telegrama para Varsóvia para comunicar ao pai a sua desgraça, e, silenciosa, esperou pelo espóso.

Depois do falecimento de Pedro, o governo francês decretou uma pensão nacional para a viúva e filhos.

No dia 13 de Maio de 1906, o conselho da Faculdade de Ciências decidiu por unanimidade entregar a Maria a regência da cadeira que Pedro havia regido. Era a primeira vez que em França se nomeava uma mulher para a regência de uma cadeira do ensino superior, e, para que Maria aceitasse o encargo, que ela

se obstinava em não aceitar, foi necessária a intervenção amigável do pai de Pedro.

No dia da sua primeira lição na Sorbonne, anfiteatro e corredores, tudo se encheu e até na praça, em frente do edificio estacionava uma multidão de curiosos. Havia grande interesse em saber quais seriam as primeiras palavras do novo professor; seria a primeira lição preenchida com palavras de agradecimento ao governo e ao Conselho da Faculdade, que a havia escolhido e traçaria ela a biografia do seu antecessor, como era tradição?...

Era uma hora e meia da tarde, e Maria, muito pálida, nos seus crepes de luto, pontualmente abriu a porta que do seu gabinete dava ingresso ao anfiteatro e subiu para a sua cátedra.

Tinha-se estabelecido um silêncio profundo e respeitoso, mas logo que Maria se levantou para tomar a palavra, romperam estrepitosos aplausos que se prolongaram por alguns momentos; Maria inclinou a cabeça para agradecer e esperou que se restabelecesse o silêncio, e a sua lição começou por esta forma:

"Se considerarmos o progresso que a ciência física tem realizado no decurso dos últimos anos, ficaremos surpreendidos ao mesmo tempo com o progresso das nossas concepções a respeito da electricidade e matéria..."

Maria continuava assim a regência da cadeira exactamente no ponto em que o marido a tinha interrompido. Ao terminar a lição Maria desaparecia rapidamente pela pequena porta de que já se servira.

Dêsse momento em diante, Maria recebia de toda a parte honras e diplomas; em 1911 a Suécia conferiu-lhe mais uma vez o prêmio Nobel, para as ciências fisico-químicas.

A Sorbonne, em colaboração com o Instituto Pasteur, fundaram o Instituto do Rádio que compreendia duas secções: um laboratório de rádio-actividade, dirigido por Maria Curie e um laboratório de investigação biológica e estudo do cancro, dirigido por outro sábio.

Maria concorreu para o laboratório superior a um milhão de francos, que ela e Pedro haviam produzido com o seu próprio trabalho. Até ao fim da vida esse laboratório constituiu o ponto principal de todos os seus interesses e actividades.

Quando rebentou a Grande Guerra, Maria pôs-se imediatamente ao serviço da sua pátria adoptiva, e esse serviço foi de mais alta importância devido à organização de múltiplas estações radiológicas nos hospitais.

O número de feridos examinados nas 220 estações, que ela organizou, ascendem a mais de um milhão. Nem a fadiga nem o perigo dos efeitos cruéis da radiação impediram Maria de continuar perseverante no seu corajoso trabalho.

Em 1925 as Mulheres da América reuniram 100.000 dólares para a compra de um grama de radium com que presenteariam Maria Curie, e convidavam-na a visitar aquele país. Maria acedeu ao convite e aos 54 anos de idade empreendeu a sua primeira viagem à América.

Ao desembarcar na cidade de Nova-York uma enorme multidão esperava-a e foram sem conta as homenagens e honras que os americanos lhe dispensaram.

Tôdas as Universidades a convidaram a que as visitasse; foram-lhe conferidas medalhas, diplomas, títulos honorários e graus de doutora por quasi tôdas as Universidades. Contudo, tôdas estas honrarias, tôdas as homenagens, os convites sem fim exigiram dela um trabalho superior às suas forças e a conselho dos médicos regressou à Europa.

Na sua modestia Maria reconhecia que o êxito da sua visita fora enorme e que o seu encanto pessoal tinha conquistado o coração de alguns milhões de americanos. Daí em diante compreendeu que



A senhora Juliet-Curie e seu marido

como investigadora da ciência não podia isolar-se completamente do mundo e viver dentro da sociedade, como se devesse estivesse afastada por grandes distâncias.

O prestígio do seu nome e a sua própria presença eram muitas vezes garantia do êxito de empreendimentos de ordem científica ou filantrópica; tinha portanto de reservar uma parte do seu tempo para êsses empreendimentos. Em missão científica assistia a congressos, conferências, sessões universitárias, visitou laboratórios do radium em várias capitais da Europa, às vezes com sacrificio da própria saúde. Por toda a parte era recebida com indescritível entusiasmo.

Em Varsóvia fundou-se um Instituto do Rádio, por subscrição pública, que tomou o nome de Instituto Maria Sklodowska Curie e mais uma vez as Mulheres da América adquiriram um grama de radium,



Madame Curie nas suas investigações

também por subscrição pública, que ofereceram àquele Instituto.

Em outubro de 1929, Maria embarcou novamente para a América em agradecimento a esse país, em nome do da Polónia, sendo por alguns dias, a convite de Hoover, então presidente dos Estados Unidos, hospede da Casa Branca, que é em Washington, e residência presidencial. Mas nem a glória nem a fama conseguiram dominar a modestia natural de Maria, nem arrancar do seu coração o seu amor pelo laboratório. A sua maior felicidade na vida, consistia no bom resultado de uma experiência no laboratório, e se esta falhava era enorme a sua tristeza. Até ao fim da vida, Maria continuou a trabalhar com uma dedicação sem limites e infelizmente com a imprudência que sempre a acompanhou em tôdas as suas experiências científicas.

Desprezava as precauções, que aconselhava aos outros e que aos discípulos impunha com rigor. Durante 35 anos madame Curie, como ela ficou conhecida na história, lidara com o radium e respirara as suas emanações. Os quatro anos da Grande Guerra, durante os quais dispendeu energias superiores às suas forças, deixaram profundos vestígios na sua saúde, sempre precária.

A febre que amide a atacava deixava-a indifferente, mas no mês de maio de 1934, caiu à cama com um ataque de gripe, de que não havia de curar-se e quando o seu generoso coração deixou de pulsar, a ciência lavrou a sua sentença atribuindo ao radium, a causa dessa morte, porque todos os sintomas o indicavam. Na sexta-feira, 6 de julho de 1934, pelas 2 horas da tarde, sem discursos, sem representantes da politica ou das autoridades, madame Curie, aos 63 anos de idade, modestamente, como sempre vivera, foi tomar lugar entre os mortos. Descansa ao lado do espóso, no cemitério de Sceaux e baixou à terra na presença apenas de alguns parentes, amigos e colaboradores que ela amou e que a amavam.

ADOLFO BENARÚS.



O Chefe do Estado presidindo à sessão solene que inaugurou o novo ano lectivo na Escola do Exército, vendo-se o sr. general Vicente de Freitas pronunciando o seu discurso que se referiu à actividade da Escola, exaltando o zelo do corpo docente e o amor ao estudo e o excelente aproveitamento dos alunos

# FIGURAS E FACTOS



Estefânia Cabreira e Oliveira Cabral numa colaboração harmónica publicam mais um trabalho *Canções Infantis* que dedicam às crianças portuguesas, pretendendo dar-lhes algumas horas de saudável alegria. Livro delicioso para os pequeninos e até atraente para os adultos...



*Os meus sonetos para ela* é o título do livro que Alberto de Campos publica, dando largas ao seu talento de poeta. Cantando o amor e a saudade. Este livro é uma promessa, uma encantadora promessa de que muito temos a esperar



D. Gertrudes Vaquinhas Cartaxo que seguiu para a Alemanha a fazer o estágio de um ano como professora de português na «Koloniale Frauenschule» de Rendsburg para que foi indicada pelo Instituto para a Alta Cultura



*Rosa Silvestre* floresce mais uma vez, apesar de vir ainda longe a primavera. Do talento da ilustre escritora D. Maria Lamas todos estes prodígios são naturais. A *Ilha Verde* seu novo livro é mais uma obra primorosa a juntar a tantas



Henrique Manuel da Torre Negra, investigador camoneano ilustre publica mais um sensacional trabalho *O maior erro de todas as edições de «Os Lusíadas»* que mostra bem as poderosas faculdades do erudito que tão conscienciosamente trabalha



O V Congresso Internacional da Vinha e do Vinho deixou profundamente marcada as suas vantagens que dentro em breve furtificarão. Portugal foi aclamado entusiasticamente pelos delegados estrangeiros. As gravuras acima mostram os congressistas no Instituto do Vinho do Porto, por ocasião da inauguração da Biblioteca sob a presidência do sr. ministro do Comércio, e um aspecto da Biblioteca em toda a sua imponência

# HORAS AMARGAS

HÁ momentos em que se apodera de mim uma tristeza profunda, uma tristeza atávica, como se me pesassem na alma as lágrimas dos milhões de mulheres que viveram, amaram e sofreram, antes de mim.

Tenho a impressão de que a vida pára em minhas veias. O meu rosto toma uma expressão grave, imutável, como se fôsse esculpido em pedra.

Quási que deixo de respirar, e assenta-me sôbre o peito uma pesada massa informe, que deve ser a soma de tôdas as minhas ilusões mortas, umas vívidas com ânsia de loucura, apenas esboçadas, outras, pobrezinhas que ao nascer logo pereceram, sem carinho e sem agasalho que as convidassem a viver.

Nem sei explicar porque assim entristeço às vezes, com uma tristeza que me põe na frente um cunho de ferro e seca nos meus olhos a fonte do pranto misericordioso. Eu não sei, mas parece-me que talvez seja a desesperança de tanto sonho perdido, a recordação de tanta dor curtida em silêncio por detrás de um mentiroso sorriso — a dor da eterna incompreendida.

Porque me deu Deus esta sensibilidade que é o meu martírio, porque o mundo passa por mim sem cuidado, pela fragilidade da minha alma e me atropela e esmurra por acaso, quando não propositamente, julgando que magoou um corpo, quando foi um coração que ficou ferido? Porque não sou eu como tôda a gente, — como quási tôda, porque deve haver, embora numa percentagem mínima, outras almas de mulher irmãs da minha espalhadas pelo mundo, sofrendo do mesmo mal.

Tenho a certeza de que quando desta vida me fôr não haverá uma pena que saiba fazer o retrato da minha pobre alma, pária errante, sedenta duma beleza que não existe, e esfomeada eterna de um bem tantas vezes sonhado e que nunca alcançou.

Precisava isolar-me, ir viver para um sítio muito quieto, separar-me da humanidade egoísta e cruel que passa por mim e não me vê ou, se me vê, não me conhece.

Que sabe esta gente do que eu sou, do que eu sinto?

Que sabe esta mulher que critica o meu vestido, que se roi de inveja, porque me vê ainda fresca e bela, mais elegante do que ela que é mais nova do que eu, que sabe ela da mágoa que me atormenta, dêsse pungir constante da minha alma tanta vez sobressaltada por lindas quimeras e logo desiludida?

Que sabe o homem que me olha como a fêmea ainda aliciante e detem o seu olhar na minha bôca, e depois me mede de alto a baixo, numa toesa de gula, que pode êle perceber dos meus sonhos de amor desfeitos que palpitam em mim, mo-

ribundos, mas agarrando-se à vida desesperadamente, implorando-me que os salve da descença do meu coração tão leal e tão incompreendido, gritando-me que é belo viver e que não devo amortalhar-me em vida?

É verdade que isolada me sinto, mesmo assim acotovelando tanta gente, mesmo assim sorrindo a uns e recebendo cumprimentos de outros.

E talvez que êste isolamento, entre tanta gente que ri e gargalha sem respeito pelas lágrimas dos infelizes, seja mais triste, mais cheio de amargura, por não podermos dar largas à nossa dor, por não podermos gritar bem alto o nosso desprezo por todos os materialismos que para essa gente são a feliz realização dos seus sonhos de ventura.

Talvez que o exílio no nosso próprio país, êste exílio em que me sinto, seja mais doloroso do que viver entre gente estranha, em terras distantes.

É que nada nos fere como os golpes vibrados pelos nossos iguais, do mesmo sangue, da mesma origem.

Como é bem verdadeira a lição a tirar dêste conto que li há pouco no *Märchen wunder-garten* e que resumo:

“O ouro e o ferro estavam a ser batidos na mesma bigorna e com o mesmo martelo.

O ferro, soluçante, queixava-se dêsses golpes, lastimando a sua sorte.

O ouro censurava-o pela sua falta de ânimo, e tentava consolá-lo com a sua coragem, porque sofria as mesmas dores e não se queixava.

E o ferro respondeu-lhe:

— Tu não és da mesma espécie daqueles que te martirizam. Eu sou do mesmo metal, sou da família, e nada doí mais do que as pancadas dos nossos irmãos.”

E neste pequeno diálogo entre metais diferentes está a explicação de muita



mágoa, de muita desilusão, tanto no amor, como na amizade, de muito isolamento espiritual, de muita sensação de exílio entre patrícios e amigos — pseudo amigos, decerto.

Tenho pena de não ser uma mulher fútil, pensando unicamente num lindo vestido, cubiçando um chapéu vistoso ou uma jóia preciosa.

Tenho realmente pena de procurar almas perfeitas, em vez de aparências gentis.

Sempre as aparências iludem e nos satisfazem, quando não procuramos ver mais além, quando não nos aguça o olhar essa curiosidade, malsã para a nossa tranqüilidade de espírito, de querer devassar o que vai lá por dentro de alguém que nos interessou.

Por mais que busquemos conhecer certas almas, há sempre um recanto que nos escapa e donde nos pode vir um golpe traiçoeiro que deite abaixo o nosso castelo de ilusões e nos mostre o barro grosseiro de que era feito o nosso ídolo ou os pés de bode de alguém que chegámos a julgar uma divindade, enganados pelas roupagens sumptuosas com que cobriam a sua insignificância e a sua veinalidade.

Afinal a vida é uma mentira pegada...

MERCEDES BLASCO.



Luís XV — retrato por La Tour

negro tornou-se tão querido da condessa e do rei que muitos nobres fidalgos não duvidaram em ir comprar-lhe as suas boas graças.

Os anos foram passando. A du Barry continuava a ser a fada linda que, com um olhar, iluminava Versalhes e, com um sorriso, aquecia o coração do rei. O seu domínio, ou antes o seu reinado, prometia ser eterno. Mas Luiz XV arruinara a saúde queimando-se à chama rubra de todos os prazeres, e, um dia, outra fada, muito mais poderosa do que a linda dama de volúpia, tomou-o nos braços e levou-o consigo.

Ao partir para o Alê, o monarca levou saudades, não da sua glória e do seu trono, mas de M.<sup>me</sup> du Barry. A Ela, é que lhe custou a renunciar.

Joana, nova e bela, ficou livre e senhora duma fortuna independente. Após uma breve estada no convento de Pont aux Dames — estada que Luís XVI, exilando-a da corte, lhe impusera, voltou a habitar o palácio de Louveciennes, de que já então Zamora era

o intendente.

Aqueles que, alguns anos depois da morte de Luís XV, penetravam em Louveciennes, ficavam atônitos perante a extraordinária transformação que se operara na condessa du Barry. A corteza, verdadeira rainha da orgia, que espanlára Versalhes com as suas graças canailles, desaparecera. Restava uma senhora modesta, simples, casta, direi mesmo, que, longe do bulício das festas de Paris, passava as noites sentada, junto do fogão, lendo qualquer bom livro de poesia, ou filosofia, ou então deliciando a pintora Vigée-Lebrun e a embaixatriz de Portugal com a sua finamente espirituosa conversação.

Quem operará o milagre de transformar a bacante em grande dama? O amor, indiscutivelmente. Só elle consegue operar milagres semelhantes...

Joana encontrára o duque de Cossé-Brissac, comandante da guarda real e governador de Paris, e fora esse homem, tão nobre pelo nascimento como pela alma, prototipo do soldado e do gentil-homem, a quem chamavam o último dos paladinos, que conseguira o prodígio da regeneração, ou antes, da ressurreição, dessa mulher.

Havia muitos anos, desde a sua entrada na corte, que Luiz de Cossé-Brissac amava Joana du Barry com um amor em que entrava mais ternura do que propriamente desejo. Não fora apenas a mulher em si, isto é, o corpo esplêndido de mármore branco e róseo animado de vida, que o fascinara e encantara. Fora aquilo que os outros, materialistas, sequiosos apenas da união carnal e não da comunhão espiritual, não haviam descoberto nela: a sua grande alma e o seu grande coração.

Na condessa du Barry existiam dois entes: um cheio de defeitos, outro repleto de qualidades belas. Era um anjo caído que a chama pura do amor de Cossé-Brissac teve o condão de levantar.

## NÉVOAS DO PASSADO

# Vida, amor e morte da condessa Du Barry

Perante a adoração que elle lhe demonstrava em mil atenções delicadas; em face do respeito que elle lhe patenteava em todas as suas acções; diante da ternura que elle lhe testemunhava em todas as suas palavras, Joana du Barry sentiu o seu coração despertar e compreendeu que uma nova vida ia começar.

Pela primeira vez na sua existência, junto desse homem que lhe falava com veneração e afecto, o que jamais até aí alguém fizera, Joana corou do seu passado e teve quasi horror de si própria.

A fim-de se tornar (digna era impossível) não de todo indigna de Cossé-Brissac, a condessa modificou a sua maneira de ser, abdicou completamente da sua personalidade, para incarnar aquela que — adivinhava-o — elle idealizara encontrar na mulher amada.

Foi a sua ressurreição. Viveram assim unidos pelo amor e pela ternura anos e anos de felicidade esplêndida.

Mas as nuvens acumulavam-se sobre a velha França dos reis. O trono dos Bourbonns ia ruir, abatido, a golpes de machado, pelos homens da revolução.

Uma tarde, M.<sup>me</sup> du Barry ouviu, em Louveciennes, ao longe, o surdo troar do canhão.

Consumara-se a tomada da Bastilha. Ao saber da derrocada do mais antigo baluarte da realza, Joana tremeu de angústia. A onda revolucionária, já tinta de sangue, avançava prestes a submergir o trono dos Capetos — o trono que Brissac, o esposo da sua alma, jurara defender até à morte!

Nesse momento a condessa teve um belo gesto — um gesto que não ocorreu ao espirito de nenhuma dessas grandes damas que outrora, em Versalhes, a tinham esmagado com o seu altivo desdem. Numa carta nobilíssima e admiravelmente redigida, escreveu a Maria Antonieta — a essa Antonieta de quem só recebera agravos — oferecendo-lhe, nessa hora crítica, em que escasseava o ouro necessário para organizar a defeza, todas as riquezas que devia à munificência de Luiz XV. A História diz-nos o que foram os anos de 1789 a 1793.

Muitos dos seus amigos aconselharam o duque de Cossé-Brissac a fugir ao dilúvio de sangue, tomando, como tantos outros nobres, o caminho do exílio.

— Nunca abandonarei o rei! — respondeu heróicamente Cossé-Brissac. — Tenho deveres a cumprir para com elle e os seus augustos antepassados e também para com os meus que, do Alê, julgam os meus actos!

A condessa du Barry ficou também em França. O seu lugar — sentia-o — era junto de Luiz de Cossé-Brissac.

Entretanto, a Assembléa Legislativa

decretou o licenciamento da Guarda Real e o duque foi acusado de, abusando da sua autoridade de comandante, lá haver introduzido partidários realistas.

Desta vez, o próprio Luiz XVI o aconselhou a fugir. Mas Cossé-Brissac não era desses que fogem. Escreveu uma carta a Joana du Barry, e esperou que o viessem buscar.

Levaram-no prêso para Orléans. Lá, no cárcere, guardado à vista, Brissac, que tinha por única consolação as cartas sempre frequentes de M.<sup>me</sup> du Barry, aguardou a morte com a serenidade dum herói de Plutarco.

“O meu último pensamento será para si, condessa! — repelia-lhe elle sempre nas suas cartas.

A 8 de Setembro de 1792 a condessa, sabedora de que o duque, assim como os demais prisioneiros, ao ser conduzido a Paris, seria obrigado a passar por Louveciennes, estava no seu castelo, esperando ansiosamente a chegada da escolta.

De repente ouviu-se uma tempestade de gritos. A multidão — autêntico oceano humano — avançava pela estrada. Deite-se junto ao portão do jardim. Desvairada pelo terror, Joana viu o seu parque invadido, depois o vestibulo. A porta do salão, onde elle se refugiara, abriu-se e alguém, uma face hedionda e sinistra, surgiu no limiar. E, com uma gargalhada diabólica, atirou uma cabeça gotejando sangue aos pés da castella.

Era a cabeça de Luiz de Cossé-Brissac, massacrado como todos os outros prisioneiros, por essas feras que se intitulavam justiceiros, após uma luta, tão heróica como desesperada!

“Não se morre de dor, senão eu tinha morrido! — escrevia Joana du Barry, decorridos alguns dias, a uma pessoa da sua amizade.

Depois foi a prisão da familia real, a morte de Luiz XVI, de Maria Antonieta, em suma: o delírio de sangue...

Durante a sua estada em Inglaterra, onde fora por causa do célebre processo ocasionado pelo roubo de algumas das suas jóias, a condessa recebeu de todos, inclusivamente do próprio Pitt, o conselho de não voltar a Paris, mas ela, que deixara enterradas no parque de Louveciennes a maior parte das suas riquezas, teimou em regressar.

Durante a ausência da castella, formara-se em Louveciennes uma sociedade secreta de revolucionários de que faziam parte quasi todos os criados do castelo, inclusivamente Zamora, sob a presidência dum aventureiro chamado Greive.

De acordo com o presidente, Zamora, decidido a pagar os beneficios que da sua ama continuamente recebera, arrastan-

do-a ao cadafalso, para assim se apoderar do tesouro oculto, principiou na sombra a urdir a sua ideia.

Repetidas vezes a Convenção recebeu denúncias, contendo acusações gravíssimas contra a cidadã Dubarry, mas em face dos acalorados testemunhos dos habitantes de Louveciennes, que acorreram quasi em massa a defender aquela a quem os pobres dos arredores tanto deviam, deixaram-na em paz.

Porém, nem Zamora nem Greive a quem, dizia-se, o ódio provinha dum amor infeliz que sentia pela condessa, descansavam.

A 31 de Julho de 1793 publicava-se um libelo contendo acusações tremendas sobre a condessa da cidadã Dubarry. Algumas dessas acusações, como por exemplo a de ter escondido no castelo sacerdotes perseguidos e haver também lá abrigado guardas reais feridos pelo povo quando da tomada das Tulherias, eram verdadeiras, mas só a um homem no Mundo ella disse dera conhecimento — Zamora. Fora elle, indiscutivelmente, quem a atraçara. Sem mais delongas, alcançou a vibora que acalentara de encontro ao seio, a condessa expulsou o seu intendente, depois de lhe lançar em cara toda a infâmia da sua traição.

Zamora ouviu-a até ao fim, e saiu sem pronunciar uma palavra.

Volvidos dias, a 22 de Setembro de 1793, Joana du Barry, presa em Louveciennes, era conduzida à prisão de Santa Plagia.

Por ordem da Comissão de Salvação Pública, Zamora e Greive ficaram no castelo, a fim-de velarem sobre os bens da prisioneira, bens já considerados pertença da República.

Da prisão de Santa Plagia conduziram-na para a Conciergerie — a antecâmara da morte — e atiraram-na para o cárcere onde a rainha Maria Antonieta passara a sua última noite.

A 6 de Dezembro, às nove horas da manhã, Joana du Barry compareceu perante o sinistro tribunal revolucionário. Fouquier Tinville tomou a palavra e não houve delicto nem crime que, depois de a ter coberto de insultos, essa hiena sempre ávida de sangue, não attribuisse à Aspasia do Sardanapalo francês, como elle chamava à antiga favorita.

Zamora, que, a essa data, já subtraira de Louveciennes tudo quanto elle aprovera, podia ter salvado a vida da sua benfiteira. Tinha bastante influencia para sem se comprometer a livrar da guilhotina, mas não o quis. Sem piedade alguma pela desgraçada mulher meia louca de terror, o negro, chamado a depor, fez-lhe, servindo-se da mentira e da verdade, a mais cerrada das acusações.

No dia seguinte, ao anoitecer, Joana Dubarry descia da carreta fatal para subir os degraus do patíbulo.



O negro Zamora — retrato por Van Loo

Minutos depois, aquele pescoço de Juno que Pajou fixára no seu mármore célebre; aquele pescoço que havia sido adornado com as pedrarias dos mais esplêndidos colares; aquele pescoço à volta do qual tantas vezes se tinham enroscado os braços de Luiz XV, era ceifado pelo gume da guilhotina, perante os uivos e insultos da população cínica e cruel!

E Zamora? Há poucos anos, ainda se mostrava, numa das ruas mais sórdidas e tristes de Paris, a janela do quarto onde Zamora, a quem o amor duma linda capelista levara, primeiro à ruína, depois à miséria, morreu pode dizer-se de frio e de fome em 7 de Fevereiro de 1820.

A posteridade, arrastada pelos escritos de certos escritores, aprendeu a desprezar a memória de M.<sup>me</sup> du Barry, porque ella não conseguiu dominar os seus frágeis nervos de mulher, para afrontar o carrasco com a altiva dignidade dessas outras condenadas, parentas dos senhores das flores de lis, que subiram os degraus do cadafalso, como que se o cadafalso fosse um trono a que o seu nascimento lhes dava direito.

Esse desprezo deve, a meu ver, ser substituído pela piedade, e mesmo pela admiração. Piedade e admiração por essa mulher que ascendeu às mais altas culminâncias das grandezas e, ao contrário de tantas outras e tantos outros, em vez de se servir do seu poder para cometer uma série de vilezas e de crimes, só praticou o bem, e pôde, até à sua última hora, afirmar com verdade: — Eu nunca fiz mal a ninguém!

ENTENDO que você não devia forçar seu filho a casar com a Antônia.  
 — Mas é um bom casamento.  
 — Ora, ora... Espere que o rapaz tenha mais juízo, e case-o depois.  
 — Pode limpar as mãos à parede pelo seu conselho!  
 — Essa agora?!  
 — É assim mesmo. Se eu esperasse que meu filho tivesse juízo, como é que o convenceria a casar-se?

Um professor interrogava os seus alunos sobre História Sagrada.

Aludindo ao dilúvio, um dos estudantes, rapazote travesso e curioso, perguntou:

— Ó senhor professor... quando foi o dilúvio, os peixes também se afogaram?

— Assim deve ter acontecido — respondeu o mestre um pouco perturbado — a história diz que morreram todos os animais.

— Mas então os peixes afogaram-se?

— Assim deve ter acontecido — respondeu o mestre cada vez mais atrapalhado — Era preciso que os peixes morressem.

— Mas para isso — insiste o travesso preguntador — não era precisa tanta água.

Uma senhora, encontrando em um baile, um sujeito, cuja fisionomia não lhe era estranha, disse-lhe:

— Parece-me que o estou conhecendo... eu já o vi *algures*.

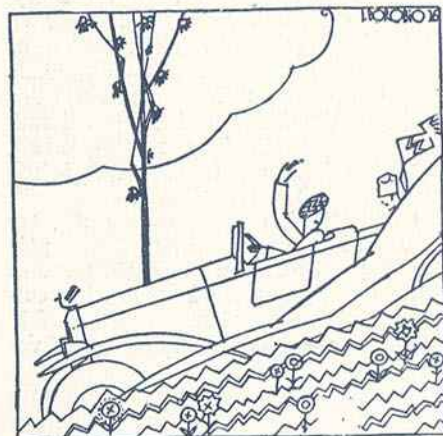
— E' possível, minha senhora — respondeu ele — vou para aí tantas vezes!...

Certo criado, pouco esperto, tinha por costume levar ao correio tôdas as cartas que encontrasse fechadas sobre a mesa.

Um dia, viu duas, cujos sobrescritos estavam em branco. Levou-as apesar disso, e deitou-as na caixa do correio.

— Pois não viste que não tinham direcção?

— Vi, sim, senhor... mas pensei que



O chauffeur — Com os diabos! Perdi a direcção!  
 O amigo — Partiu-se o volante?  
 O chauffeur — Não! É que não me lembra em que rua mora o tio Cosme?



o senhor não queria que se soubesse para quem eram.

- O réu é católico?
- Não, senhor.
- É protestante?
- Não, senhor.
- Que é, então?
- Sou tintureiro, sr. dr. juiz.

Um estudante estúpido como uma porta, foi chamado a análise. Interrogado sobre os elementos da seguinte oração:

*Nesse tempo o lavrador cultivava por processos primitivos... o rapaz titubeou.*

— Diga qual é o sujeito.  
 — O sujeito é o lavrador — respondeu hesitante.

— Diz bem. E o verbo?  
 — O verbo é... é... — e procurava avidamente pela página abaixo até que a voltou, perante o sorriso de professor e alunos — é... é... Ah! Cá está!

— Cá está, onde?  
 — Aqui onde diz *estavam no campo*.  
 —?! Aí é que está o verbo daquela oração? Diga então qual é.

Na aula o riso era já franco e irreprimível.

- O verbo é *nú*.
- *Nú*? Que verbo é esse?
- *Nú* é o particípio passivo do verbo despir.

*No tribunal:*  
 O juiz — Qual é a sua profissão?  
 O réu — Aviador.  
 O juiz — Aviador?!  
 O réu — Sim senhor; aviador. Estou empregado numa mercearia e sou eu quem avia os frêgueses.

O oficial instrutor de equitação recomendava aos recrutas que se ligassem bem aos cavalos para evitarem cair.

Vendo um dêles que andava a dançar com as pernas e estava na eminência de cair, disse-lhe:

— Ó 43, vira bem a ponta do pé para a frente e carrega no calcanhar para baixo senão, podes cair e partir uma tibia.

Como o 43 esboçasse um ligeiro sorriso disse-lhe o oficial:

- Ó 43 tu sabes o que é uma tibia?
- Sei sim, meu tenente.
- Então o que é que vem a ser?
- É uma coisa que a gente *têbe* e já perdeu.

— Ó mamã! a criada diz que o telefone está impedido.

— Está bem.  
 — (Pausa)... Ó mamã o que quer dizer impedido?

— Quer dizer que está a falar.  
 — E porque é que o papá trata o soldado por impedido se êle está quasi sempre calado?

— Então seu filho passou no exame?  
 — Não, senhor. E tudo por causa dos partidos.

— Mas o rapaz mete-se em política?  
 — Não, senhor, não são êsses partidos, são os outros, os das contas.

— Ah! os quebrados?  
 — Sim, sim, os quebrados ou partidos.

*Em África:*

Um soldado preto estava muito doente numa enfermaria. A certa altura teve qualquer síncope pelo que foi julgado morto pelo respectivo médico.

Pela tarde foram 4 pretos enterrá-lo; acordando nessa ocasião opoz-se como é natural à operação dizendo, que estava vivo.

— Você é doido! Qué sabê mais que siô Doutô?

*O desempregado* — Foi o sr. que pôs um anúncio para um caixa que saiba bem do seu officio?

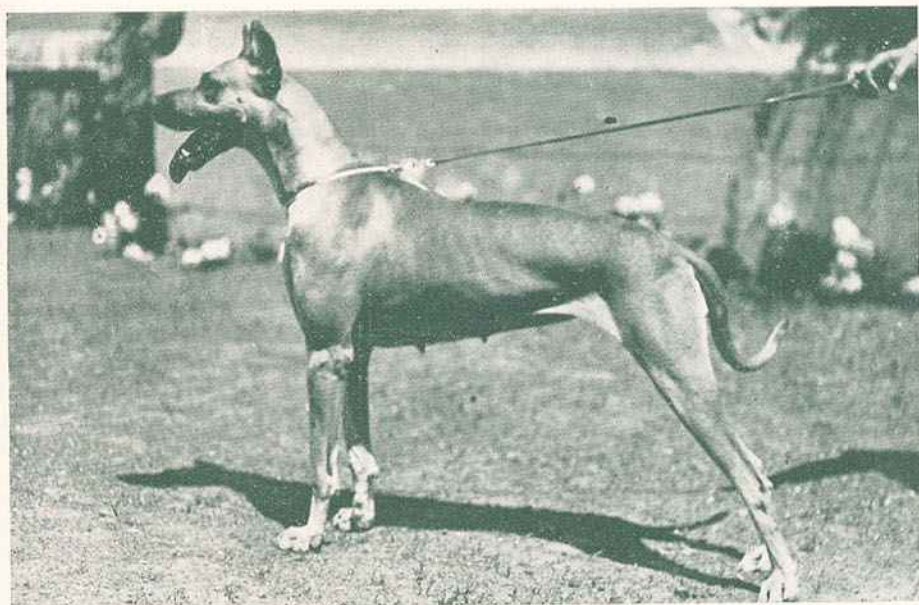
*O patrão* — Sim, senhor. Está nas condições?

*O desempregado* — Durante 5 anos que estive em caçadores 7 nunca ninguém me levou a palma a tocar caixa.



Ela — Porque estás despostoso, homem?  
 Ele — Ora... porque dizem os jornais que vai deixar de se usar casaca nas «oirées»!

# A EXPOSIÇÃO CANINA INTERNACIONAL DO OUTONO



**CAMPEÃO JANDAVA DE LISBOA**

*1.ª Categoria, C. A. C., C. A. C. I. B., melhor Dogue Alemão e o melhor exemplar de utilidade das raças estrangeiras  
Propriedade do sr. Luiz Brandão*



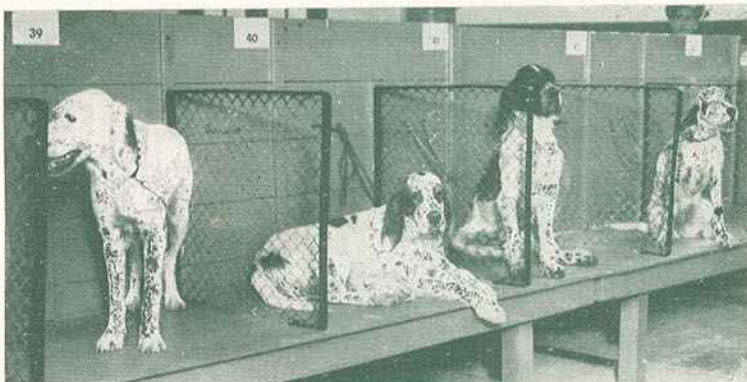
**KOUKLA DE SITTE-EN-GUETTE**

*que na exposição de Junho alcançou as seguintes classificações; 1.ª categoria, C. A. C., Taça da Raça e Taça melhor cão de luxo; e, na de agora, baixou de posto... apenas uma 2.ª categoria*



**MAESYDD MARKINO**

*C. A. C., C. A. C. I. B., melhor macho e melhor exemplar da Exposição entre 16 las as raças. O melhor cão de paragem nas raças estrangeiras  
Propriedade do sr. Engenheiro Fernando Espírito Santo Montz Galvão*



*Um aspecto da Exposição realizada no Pavilhão de Festas do Parque Eduardo VII*

A Exposição Canina realizada no Parque Eduardo VII teve uma grande concorrência de expositores e de público, demonstrando-se assim que os certames desta natureza tendem a aumentar de interesse. O que se torna indispensável é evitar erradas classificações, inevitáveis na análise e classificação de certos exemplares, num trabalho precipitado, seguido e fatigante que, naturalmente, pelo cansaço, impede uma serena e reflectida apreciação dos exemplares. O expositor, observando o exame, por vezes, bastante ligeiro do seu cãozinho, tem a impressão dum trabalho a despachar... e conseqüente ideia de uma injusta classificação.

Ouvimos manifestações de estranheza e observámos sorrisos de crítica mordaz. Com razão? Sem razão?

Damos à estampa alguns lindos exemplares que obtiveram alta classificação e repetimos a dum lindo galguinho que na exposição de Junho teve as mais altas classificações: C. A. C. — Taça de Grupo — Taça da Raça e 1.ª Categoria; e, na de agora, baixou de posto... apenas uma 2.ª categoria... O mesmo aconteceu com um S. Bernardo que na exposição de Junho foi classificado em 4.ª categoria e na do Parque, com uma 1.ª categoria e Melhor da Raça. Uma divergência de juizes: a França e a Inglaterra em desacôrdo? Custa a acreditar...

É possível que tudo afinal esteja certo pois de cães só conhecemos os que mordem... na carteira.

A grande maioria de concorrentes retirou alegre pela abundância de prémios que a muitos contentou.



**MAX ROEFF**

*que na exposição realizada no Jardim Zoológico se classificou em 4.ª categoria, e agora na exposição que teve lugar no Parque Eduardo VII, foi classificado com uma 1.ª categoria e Melhor da Raça*



O grupo do Sporting Clube de Portugal que venceu este ano pela primeira vez o campeonato de Lisboa de hockey em patins

A apresentação, na Escola do Exército, da classe de ginastas dinamarqueses alunos do professor Niels Bukh, constituiu acontecimento sensacional no ram-ram do nosso meio desportivo e revelou ao público lisboeta assombroso, novos horizontes no campo de actividade da ginástica educativa e desportiva, mostrando quanta beleza estética pode reunir-se na harmonia dum série de movimentos bem conjugados e, simultaneamente, como já tivemos ocasião de dizer, que intenso esforço físico consegue encerrar-se nos exercícios dum ginástica de alta escola, entendendo-se assim o mais elevado grau de perfeita execução e a máxima dificuldade nas atitudes e gestos escolhidos.

Argumenta-se com frequência, na campanha de propaganda sobre as vantagens da ginástica, que uma das mais importantes é a extrema elasticidade como método de preparação e desenvolvimento físico, sempre possível de graduar em relação aos recursos de cada indivíduo.

Esta afirmativa, têm-la visto na prática comprovada pela organização de classes seriadas desde o elementar e o moderado até ao médio e à aplicação; faltava-nos, porém, conhecer a especialização de escol, que eleva a ginástica ao plano dos mais rudes desportos, com a agravante — que é benéfico para o executante — de exigir e proporcionar tão perfeito equilíbrio de cultura e tão completo desenvolvimento geral, que nenhum desporto se lhe pode comparar sob esse aspecto.

Foi esta a revelação que trouxeram, com extraordinário êxito, os artistas dinamarqueses, mestres no movimento ginástico.

A sua lição, principalmente a primeira parte, foi permanente sedução de beleza harmoniosa, de estética e de dinamismo, tão empolgante que relegava para plano secundário no espírito dos espectadores o pasmo pela dificuldade dos exercícios executados com tamanha simplicidade. A impressão de arte suplantava a apreciação do esforço, de tal maneira este

desaparecia ante os recursos formidáveis dos ginastas.

Esta demonstração, infelizmente realizada pela força das circunstâncias precipitadamente, a hora pouco propícia e sem a conveniente propaganda, merecia continuidade em condições mais favoráveis. A ginástica educativa atingiu já em Portugal, sobretudo em Lisboa, grande expansão que a consagrou no apreço público e estamos convictos que novas apresentações dos ginastas dinamarqueses, mesmo em espectáculo com entradas pagas, alcançariam enorme assistência, a garantir compensação aos encargos do empreendimento.

Semelhante iniciativa, que talvez fosse viável partindo de qualquer organização oficial, traria ainda extraordinárias vantagens de ensinamentos ao professorado português, cuja maioria não é possível



O atletismo de inverno, em pista coberta, é corrente nos Estados Unidos; os recintos utilizados são às vezes de escasso comprimento para as corridas de velocidade em linha recta, pelo que as chegadas oferecem aspectos pitorescos como este, em que os corredores chocam de encontro à parede acotovelada, nas atitudes mais viris e inesperadas

## A QUINZENA DESPORTIVA

a deslocação de estudo às escolas estrangeiras, e teriam assim novas ocasiões de observar os preceitos do método Niels Bukh, cuja permanência mais demorada no país permitiria apresentar na evolução progressiva, praticamente muito mais útil para nós embora menos espectacular. É indispensável não esquecer, ao formar juízo sobre o significado da exibição dinamarquesa, que o grupo de homens apresentado constituía uma selecção apurada ao máximo, composta por homens que com certeza consagram à ginástica a sua actividade profissional, e que o seu aperfeiçoamento de execução não é portanto acessível aos simples amadores portugueses que, três vezes por semana, frequentam durante uma hora qualquer classe onde o apuramento é nulo.

Depois de diversas peripécias de secretaria, que parecem destinadas ainda a continuação pouco prestigiosa, terminou oficialmente o campeonato de Lisboa de hockey em patins, uma das raras modalidades desportivas em que possuímos autêntica classe internacional.

Pela primeira vez o Sporting conseguiu triunfar, intercalando-se assim no rol de campeões onde apenas figuravam os clubes benfiquenses, o Sport Lisboa e Benfica e o Clube Futebol Benfica.

Esta vitória, como todas as que desviam uma superioridade demasiado tempo mantida, deve servir utilmente a propagação do jogo e, reflexivamente, a divulgação do excelente e agradável exercício da patinagem, acessível a novos e velhos, a homens e senhoras, aos que queiram praticar como desporto ou

aos que o adoptem como preceito higiénico.

A ausência de popularidade na prática da patinagem é uma das muitas incongruências do desporto português, provocada pela falta de espírito de iniciativa das empresas consagradas à exploração de divertimentos públicos.

No centro da cidade existe apenas um recinto para patinar, e esse mesmo é de pertença do Ateneu Comercial e de admissão privada; a construção de outros locais semelhantes, facultados a toda a gente mediante o pagamento de qualquer taxa pouco avultada, seria empreendimento de lucros garantidos e traria, também estímulo decisivo para a divulgação do exercício. Era mais útil esta iniciativa do que abrir mais um café, que já os há de sobra em Lisboa.

É impossível comentar a quinzena dos desportistas portugueses sem fazer referência aos acontecimentos importantes ligados à actividade do futebol. Foram estes, com valor extraordinário que mereça de facto arquivo, o congresso comemorativo das bodas de ouro do início da prática do jogo no país, e o primeiro encontro internacional da temporada em que a selecção suíça foi nossa adversária.

O congresso de futebol, empreendimento feliz do jornal "O Século", proporcionou ocasião para serem estudados e discutidos os principais problemas que se ligam com a existência do mais popular dos jogos desportivos.

Apontaram-se em algumas teses as medidas mais convenientes para transformar a prática da bola em verdadeiro exercício salutar, mas os resultados finais não foram tão benéficos e decisivos como poderia esperar-se porque reinou entre os congressistas cerimoniais cortesia, o receio de molestar impedindo evidentemente o desassombro da crítica.



A classe de ginástica dinamarquesa dirigida pelo professor Niels Bukh executou na Escola do Exército a mais difícil exibição de ginástica até hoje apresentada em Portugal



A classe dinamarquesa num dos mais formosos e difíceis números da lição de ginástica desportiva apresentada em Lisboa com o maior êxito

Também notamos tendência geral para considerar o futebol como o exercício educativo por excelência, o que é exagero condenável; os trabalhos apresentados tendiam a orientar em moldes racionais a generalização quase obrigatória da prática do jogo, quando nos parece que o razoável seria apenas encaminhar cientificamente a preparação dos praticantes cujo entusiasmo pensasse para esse lado. O futebol, convenientemente freado, é um bom exercício desportivo, mas não pode ser considerado um desporto de generalização educativa, como o atletismo ou a natação.

Quanto ao encontro disputado em Lausana, se não satisfiz em absoluto as nossas ambições, visto que fomos batidos pelos suíços, também não deve ser considerado como um fracasso que atinja o conceito que conquistámos no meio internacional.

Batidos pela diferença mínima dum ponto, mais fortuito do que a tradução de superioridade técnica ou atlética, os portugueses devem ter deixado impressão favorável — ainda não conhecemos as opiniões dos críticos estrangeiros quando escrevemos estas linhas, — e mos-

traram-se apetrechados para prosseguir durante a época a actividade honrosa que sustentaram na temporada finda.

Parecem afastados os tempos em que a saída das fronteiras constituía factor prejudicial para os resultados do nosso grupo, que perdia assim o seu valor; para nós, como para todas as seleções nacionais, jogar ante o seu público representa vantagens e estamos, por exemplo, convencidos de que os suíços, em Portugal, não levariam a melhor sobre os portugueses, mas esta vantagem deve ser mais de ordem moral do que técnica e uma equipa de classe em qualquer parte a exhibe.

Sucedeu assim com os nossos compatriotas em Lausana, onde lutaram de igual para igual, mostrando de novo que possuem dons para vencer, isto apesar da ausência forçada dalguns elementos indisculpáveis que por motivo de lesão ficaram em Portugal. Temos, portanto, reservas capazes de ocupar os postos dos titulares, o que constitui novo sintoma de progresso e mais uma razão para confiar.

SALAZAR CARREIRA.



DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Jaime Seguíer (ilustrado); Povo; Cândido de Figueiredo, grande e pequena edição Simões da Fonseca (pequeno); H. Brunswick (língua e antiga linguagem); Francisco de Almeida e H. Brunswick (Pastor); J. S. Bandeira, 2.<sup>a</sup> ed.; Fonseca & Roquette (Sinónimos e língua); F. Torrinha; A. Coimbra; Moreno; Ligorne; Mitologia de J. S. Bandeira; Dic. de Mitologia de Chompré; Rifoneiro de Pedro Chaves; Adágios de António Delicado; Dic. de Máximas e Adágios de Rebelo Hespánha; Lusíadas; Dicionário de nomes próprios de S. Pacheco.

RESULTADOS DO N.º 17

QUADRO DE HONRA

(Totalidade — 17 pontos)

Sevla, Francisco J. Courelas, Siulno, Rosa Negra, Calaveras, Agasio e Mirna.

QUADRO DE MÉRITO

Ti-Beado, Ramon Lágrimas, Sol de Inverno, Dóris I, Tarata, Anjo das Serras, J. Tavares — 13. M. A. P. M., Felix Lobato, Mr. Moto, Tripa Mágica, Rotie, Sir Bay, Alvarinho, Eusapesca — 12. Almaviso, Aureolinda, Pansófilo e D. O. X. — 11. Dama Negra, Pimpas e Larabastro — 10.

DECIFRAÇÕES

1 — Semiscarúnfio. 2 — Desquite. 3 — Borrasca. 4 — Escatinado. 5 — Lua. 6 — Parélio. 7 — Matagoto. 8 — Cardosa. 9 — Proveza. 10 — Nulo. 11 — Agiomaquia. 12 — Por(ten)to. 13 — Be(li)ca. 14 — Zai(p)ana. 15 — Ze(fi)ro. 16 — Zu(ra)ca. 17 — Negra é a mercê que tarda e mal agradecida.

CONCURSO CHARADÍSTICO DO «DESPORTO MENTAL»

Damos a seguir o resultado final do nosso torneio, na parte que diz respeito a decifradores. Como nenhum deles conseguiu obter a percentagem de 90% da soma total dos pontos resolvemos baixar essa percentagem, que primitivamente tínhamos estabelecido, para 80%. Dêste modo foram admitidos 8 concorrentes ao 1.º prémio (Dicionário de Sinónimos, de J. Silva Bandeira), 8 ao 2.º prémio (Dicionário da Língua Port., de Antunes Coimbra) e 48 ao 3.º prémio (Adágios, de António Delicado).

O sorteio fica marcado para o próximo dia 19 e os prémios serão conferidos aos concorrentes cuja numeração corresponda, respectivamente, ao 1.º, 2.º e 3.º prémios da lotaria respeitante aquela data.

RESUMO:

(Totalidade de pontos — 246)

1.º GRUPO — Desde 196

Ramon Lágrimas — 215. Sol de Inverno — 214. Ti Beado — 210. Agasio — 203. Infante — 200. Barão Y, Matina e M. A. P. M. — 196.

2.º GRUPO — Desde 123 a 195

Dama Negra — 165. Sevla — 165. Larabastro — 157. Francisco J. Courelas — 155. Visconde X — 155. Mirna — 145. Siulno e Rosa Negra — 126.

3.º GRUPO — Com menos de 126

Tarata — 110. Almaviso — 83. Diriso — 82. Alfa-Romeo — 74. J. Tavares — 65. Pimpas — 64. Fradivolo — 62. Cigano — 59. Semoga — 43. Aida — 36. Calaveras — 32. Anjo das Serras e Dóris I — 31. Neptuno — 28. Aureolinda — 25. Salero — 24. D. O. X. — 18. Alvarinho, Até Hoje, Al. Ciro, Al. Sousa, Edipo, Fosquinhas, Frak & Fort, Frasilgua, Hanibal, Kábula, Lérias, Luis Ferreira, M.<sup>me</sup> Lérias, Mrs. Dell, Niomar, Rosa Silvestre, Ricardo, S. José e Soba da Torre — 17. Jónio — 16. Carochinha, De Negro, Fuguigas, Homem-Sombra, Nell, Pechelingue, Príncipe Alex Kharkeijoff, Rabina e Voltaire — 14. Pansófilo — 13. Eleutério — 10.

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

Sob a direcção de ORDISI

NÚMERO 26

TRABALHOS EM VERSO

CHARADAS ANTIGAS

(Tardia retribuição ao distinto poeta «Sileno»)

1) Vou dizer nesta poesia  
(Por não lho ter dito ainda)  
Os motivos porque, um dia,  
O puzemos na Berlinda.

Quizemos ver destacado  
Quem na arte é tão perfeito, — 2  
Pois é um dever sagrado  
Aos valores render preito.

E vós, com humilhação,  
Ficastes envergonhado  
Sem ter-fraqueza-razão...  
Nunca se humilha um versado!

Com tão grande inteligência — 2  
E modestia singular,  
Lembraís, com clara evidência,  
Os gestos de Salazar.

Não nos suponha, afinal,  
Culpados do justo brinde,  
Porque a culpa original  
Deve caber a «Datrinde»...

Quem lhe mandou ofertar  
A sua fotografia?  
Não calculou que éle, um dia,  
A viria a publicar?

Era mui fácil julgá-lo.  
Pois, sendo um poeta inspirado,  
Um valor tão ignorado...  
Foi bem justo divulgá-lo.

Bem me lembro (era pequeno...)  
De ver em «O Charadista»  
O seu retrato, «Sileno»,  
E ainda hoje guardo a revista...

Pois tenho sempre interesse  
Em exaltar, com justiça,  
Quem exaltação merece.  
Nisso não tenho preguiça...

Não seja, pois (que mania!)  
Assim tão envergonhado...  
Quero vê-lo, d'hoje em dia,  
Completamente mudado!

Lisboa Eddmaro (L. A. C.)

CHARADA MEFISTOEÉLICA

2) Agora, senhor doutor,  
Puxe o «dente» a pouco e pouco,  
Senão gritarei de dor  
E ficarei como louco. — (2-2) 3.

Lisboa Rei-Fera (T. E.) (Póstumo)

ENIGMAS

3) Ó minha santa mãe, que Deus chamou  
Para a etérea mansão, em triste dia!...  
Resa a Deus p'lo teu filho que ficou  
Suportando o amargor duma agonia!...

Se soubesses, ó mãe, a dor que entrou  
Na minha alma tão triste e sempre fria,  
Pedirias a Deus, que te levou,  
Que me chamasse à tua companhia!

Na etérea região, ao pé de ti,  
Me surgiria um bem que já perdi —  
Os teus afagos, mãe, que tanto amei!

Ó doce mãe: quero ir p'ra Eternidade,  
Quero encontrar a pura, a sã Verdade,  
Que neste mundo, em vão, eu procurei!

Biscaia Olegna (L. A. C. e D. A.)

TRABALHOS EM PROSA

CHARADAS NOVÍSSIMAS

4) Sinto um apêgo notável por essa «flor» 2-3.  
Vila Serpa Pinto

Dr. Sicascar (T. E. e L. A. C.)

(Ao confrade Director, Ordisi, mui respeitavelmente)

5) Oh! Quanta pena me inspirou o pobre prisioneiro,  
quando pedia que o libertassem, em  
tom suplicativo. 2-3.

Lisboa Mr. Moto (G. X.)

(Ao distinto confrade Magnate)

6) A honra é o sentimento que mais deve apreciar  
o bom avaliador. 2-1.

Lisboa Felix Lobato (G. X.)

CHARADAS SINCOPADAS

7) A alforreca não serve para fazer comida. 3-2.  
Lisboa Bisnau (T. E.)

8) O murmurante só se cala levando um sóco. 3-2.

Luanda Ti-Beado

9) Paciência de esperar ninguém tem. 3-2.  
Lisboa Mirones (L. A. C.)

10) É soberbo como o pavão porque usa dêste tecido. 3-2.

Luanda Zé da Eira (L. A. C.)

(A Ordisi 7.º)

11) A manada de gado anda dispersa e isso é uma desgraça. 3-2.

Vila Serpa Pinto  
Dr. Sicascar (T. E. e L. A. C.)

Toda a correspondência respeitante a esta secção deve ser dirigida a: Isidoro António Gayo, redacção da Ilustração, Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

2) ENIGMA FIGURADO



Biscaia Olegna (L. A. C. e D. A.)

# VIDA ELEGANTE

## Chá dançante

Organizado por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade de que faziam parte D. Alice Cancela Infante de La Cerda, Condessa das Alcaçovas (D. Catarina), D. Maria Catarina de Sommer Alzina Moniz Galvão, D. Maria da Conceição de Sommer Alzina, D. Maria Tereza Meira, D. Sofia Pinto Basto Mac-Nicoll e Viscondessa de Alverca, efectuou-se num dos salões do Palácio de Exposição do Parque Eduardo VII, por ocasião da Exposição Canina Internacional do Outono, nas tardes de 5 e 6 do corrente, um animado chá «dançante», que decorreu sempre no meio da maior animação, tendo-se dançado quasi sem interrupção até perto das vinte e uma horas, ao som de uma exímia orquestra «jazz-band».

## Casamentos

Celebrou-se na paróquia do Sagrado Coração de Jesus, o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Elvira Cinatti da Silva, gentil filha da sr.<sup>a</sup> D. Licéria Cinatti da Silva e do sr. Alexandre José da Silva, já falecido, com o sr. Fausto de Sampaio Neves, distinto capitão da marinha mercante, filho da sr.<sup>a</sup> D. Maria José de Sampaio Neves Eliseu e do sr. dr. José da Mota Neves Eliseu, já falecido. Foram madrinhas a prima da noiva sr.<sup>a</sup> D. Beatriz Hilda Coelho Lloya Sociero e Silva e a mãe do noivo e de padrinhos os srs. António José Sociero da Silva, primo da noiva e Cláudio de Sampaio Neves Eliseu, irmão do noivo.

Acabada a cerimónia que revestiu grande solemnidade foi servido na elegante residência da mãe da noiva, um finíssimo lanche, recebendo os noivos um grande número de artísticas prendas.

— Presidido por Sua Excelência Reverendíssima o sr. Bispo de Beja, D. José do Patrocínio Dias, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução, celebrou-se na capela da elegante residência da sr.<sup>a</sup> D. Ana de Portugal Lobo Teles de Vasconcelos Trigueiros de Aragão, e do sr. Antonio Coelho Trigueiros de Aragão, em Alcains, Beira Baixa, o casamento de sua interessante filha D. Maria Angélica, com o sr. Joaquim Trigueiros de Almeida Osório de Vilhena Aragão e Costa, distinto aviador civil, filho da sr.<sup>a</sup> D. Laura Cardoso de Almeida Ferreira da Silva e do sr. João José Trigueiros de Aragão e Costa, já falecido. Serviram de madrinhas as mães dos noivos e de padrinhos o pai da noiva e o padrasto do noivo, sr. dr. Manuel Seabra Ferreira da Silva.

Terminada a cerimónia foi servido no salão de mesa um finíssimo lanche, seguindo os noivos, a quem foram oferecidas grande número de artísticas e valiosas prendas, para a sua quinta no Mondego, onde foram passar a lua de mel, partindo dali para uma digressão pela Itália.

— Na paróquia do Socorro, celebrou-se o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Madalena Martins de Faria, gentil filha da sr.<sup>a</sup> D. Albertina Martins de Faria Torres e enteada do sr. Carlos Artur Torres, com o sr. Mário Costa Pinto, director substituto do Sindicato Nacional dos Jornalistas e correspondente da imprensa estrangeira, filho da sr.<sup>a</sup> D. Maria Julia Costa Pinto e do sr. José Estevão Pinto, já falecido, tendo servido de padrinhos por parte da noiva as sr.<sup>as</sup> D. Albertina Martins de Faria Torres e D. Emilia Pinto Souto e os srs. Carlos Artur Torres e Sebastião Souto e por parte do noivo a sr.<sup>a</sup> D. Alda Correia, que se fez representar pela distinta escritora sr.<sup>a</sup> D. Anita Patrício e os srs. dr. Horácio de Carvalho, vice-consul do Brasil, em Lisboa, e José O'Donnell. Presidiu à cerimónia o reverendo cônego Damasceno Fiadeiro, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução.

Finda a cerimónia durante a qual foram executadas no órgão vários trechos de música sacra, foi servido um finíssimo lanche, seguindo os noivos a quem foram oferecidas grande número de valiosas e artísticas prendas, para a Estremadura, onde foram passar a lua de mel.

— Com a maior intimidade, devido a um luto

da família da noiva, celebrou-se, na paróquia de S. Sebastião da Pedreira, o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Noémia Gonçalves Sequeira Coutinho, interessante filha da sr.<sup>a</sup> D. Antónia São Pedro Sequeira Coutinho e do sr. João Sequeira Coutinho, com o tenente sr. Jorge Alexandre da Fonseca, secretário do sr. Governador Civil de Lisboa, filho da sr.<sup>a</sup> D. Maria Tereza de Sousa Eusébio da Fonseca e do sr. José Alexandre da Fonseca, já falecido, tendo servido de padrinhos por parte da noiva, seus pais e por parte do noivo, o sr. tenente coronel Artur Lobo da Costa, ilustre Governador Civil de Lisboa e sua esposa.

Terminada a cerimónia, foi servido um finíssimo lanche na elegante residência dos pais da noiva, seguindo os noivos, a quem foram oferecidas grande número de valiosas e artísticas prendas, para a quinta do Pomar, no Algarve, propriedade da família do noivo, onde foram passar a lua de mel.

— Celebrou-se na paróquia das Mercês, o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Maria Fernanda Norton de Sommer Alzina, gentil filha da sr.<sup>a</sup> D. Janet Norton de Sommer Alzina e do sr. Carlos de Sommer Alzina, com o sr. Joaquim dos Santos Lima, tendo servido de madrinhas a mãe e a irmã da noiva sr.<sup>a</sup> D. Maria Carolina Alzina Moniz Galvão, e de padrinhos os sr. drs. Joaquim de Abreu Loureiro e Alvaro Coelho. Presidiu ao acto o prior de Santa Engrácia, amigo íntimo da família da noiva, reverendo José dos Anjos Gaspar Borges, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua bênção.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência do avô paterno da noiva, um finíssimo lanche, seguindo os noivos, a quem foram oferecidas grande número de valiosas e artísticas prendas, para Lausanne, onde foram fixar residência.

— Na paróquia do Santo Condestável, celebrou-se com a maior intimidade, o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Ilpa Maggielly, com o redactor fotográfico sr. Horácio Novais, servindo de padrinhos por parte da noiva a sr.<sup>a</sup> D. Ludgera Maggielly Olaio e o sr. Tomaz Olaio, e por parte do noivo a sr.<sup>a</sup> D. Gabriela Novais Paula e o sr. Augusto Kurt Pinto, presidindo ao acto o prior da freguesia, o reverendo Francisco Maria da Silva, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução.

Finda a cerimónia foi servido um finíssimo almôdo, recebendo os noivos um grande número de artísticas e valiosas prendas.

— Foi pedida em casamento pelo sr. Visconde de Semelho, para seu sobrinho, o sr. Eurico Soares Barbosa, filho da sr.<sup>a</sup> D. Júlia Durães Soares Barbosa, e do distinto artista bracarense sr. José António Soares Barbosa, já falecido, a sr.<sup>a</sup> D. Beáquina Amélia Moreira de Barros, gentil filha da sr.<sup>a</sup> D. Eugénia da Conceição Moreira de Barros e do sr. Luís Boaventura de Barros, já falecido, devendo a cerimónia realizar-se brevemente.

## Nascimentos

Na Maternidade dr. Alfredo Costa, teve o seu bom sucesso, a sr.<sup>a</sup> D. Judite Ponces de Carvalho, esposa do sr. dr. Ponces de Carvalho, consul de Portugal na Rodésia, assistida pelo distinto cirurgião sr. dr. Costa Félix. Mãe e filha encontram-se felizmente bem.

— Na Cidade da Praia, Cabo Verde, teve o seu bom sucesso, a sr.<sup>a</sup> D. Maria Helena Alvarez Levy, esposa do distinto advogado nessa cidade, sr. Dr. Bento Benoiel Levy. Mãe e filha estão de perfeita saúde.

— A sr.<sup>a</sup> D. Maria Teresa Catarina Stichener Iria, esposa do sr. Joaquim Alberto Iria, teve na Maternidade Dr. Alfredo Costa, assistida pelo distinto cirurgião sr. Dr. Costa Felix, o seu bom sucesso. Mãe e filho encontram-se felizmente bem.

— A sr.<sup>a</sup> D. Vitória Brás Vieira de Sousa Sarmiento, esposa do tenente aviador sr. António de Sousa Sarmiento, teve o seu bom sucesso, assistida pelo distinto cirurgião sr. dr. Costa Félix. Mãe e filho encontram-se felizmente bem.



Casamento da sr.<sup>a</sup> D. Elvira Cinatti da Silva com o sr. Fausto de Sampaio Neves. — (Foto Universal).

— A sr.<sup>a</sup> D. Maria Inês de Bivar Viana da Mota Barahona Fernandes, esposa do distinto clinico sr. dr. Henrique Barahona Fernandes e filha do ilustre professor sr. José Viana da Mota, teve o seu bom sucesso. Mãe e filha encontram-se felizmente bem.

## Baptizados

Na paróquia de Nossa Senhora de Fátima, à Avenida de Berne, celebrou-se o baptizado do menino Pedro, gentil filhinho da sr.<sup>a</sup> D. Maria de Cammos Trocado Freitas do Amaral e do distinto engenheiro sr. Duarte do Amaral, secretário do sr. dr. António de Oliveira Salazar, ilustre Presidente do Conselho, tendo servido de madrinha sua tia a sr.<sup>a</sup> D. Virginia de Campos e de padrinho seu tio sr. António de Freitas Amaral, presidindo a cerimónia o reverendo Monseñor dr. Pereira dos Reis. Durante a cerimónia, que revestiu extraordinário brilhantismo, o notável professor de órgão do Conservatório Nacional, sr. Rosa de Carvalho, executou no órgão vários trechos de música sacra.

— Na paróquia de Arroios, celebrou-se o baptizado da menina Maria, gentil filhinha da sr.<sup>a</sup> D. Maria Emilia Duarte Silva Macedo Santos e do sr. dr. Frederico de Lemos Macedo Santos, secretário do Instituto Nacional de Trabalho, servindo de madrinha sua avó materna a sr.<sup>a</sup> D. Maria José de Matos Fernandes Duarte Silva e de padrinho seu tio paterno, o sr. dr. João de Lemos Macedo Santos.

— Em Ermesinde, celebrou-se na igreja paróquia, o baptizado da menina Josete Daniela, gentil filha da sr.<sup>a</sup> D. Olga Augusta Pereira Pinto e do sr. Daniel Pereira Pinto, tendo servido de padrinhos a sr.<sup>a</sup> D. Luiza Guerra Maio e o sr. José Guerra Maio, nosso colega na imprensa.

— Na paróquia de S. Sebastião da Pedreira, celebrou-se o baptizado do menino Ivo Gerardo, gentil filhinho da sr.<sup>a</sup> D. Carlota Guerreiro Violante Bateres, e do sr. Tito Gerardo Bateres servindo de madrinha sua tia materna a sr.<sup>a</sup> D. Hiponina Guerreiro Violante de Matos e de padrinho seu avô paterno sr. Tito Bateres.

— Celebrou-se o baptizado do menino Carlos Fernando, interessante filhinho da sr.<sup>a</sup> D. Maria do Carmo Bessone Basto Sabido e do sr. Fernando Sabido, tendo servido de padrinhos seus avós maternos.

D. NUNO.



pregados são homens, há ainda a esperar um tratamento atencioso embora não seja dos mais sermões, mas se é uma senhora que está no «guichet» ou à secretária, podem ter a certeza que o melhor acolhimento que podem ter são modos desenhosos, quando não acompanhados de algumas palavras agressivas ou até grossuras.

Há felicemente algumas excepções que como sempre conflitam na regra, porque a verdade, — que não honra o nosso sexo — é que quem entra num estabelecimento e vai fazer o favor de ali fazer as suas compras, o que é sempre uma distinção que devia ser para agradecer, é muitas vezes recebido pelas empregadas, como importuno a quem não vale a pena dignar-se dar atenção, o que em geral não acontece quando são homens que nos atendem.

A graciosidade feminina que devia com a sua gentileza atrair, tem-se diluído na noite dos tempos deixando-nos apenas a recordação de uma coisa que já não existe.

E no entanto a mulher muito teria a ganhar se conseguisse sempre em qualquer que fosse a carreira que a vida moderna a obrigasse a seguir, os seus predicados de gentileza e doçura.

É bem sei que os nervos femininos suportam mal a fadiga dum dia inteiro de atenção ao trabalho, que a maioria dos clientes são importunos, irritantes nas suas indições e nas complicações que fazem, mas se assim é, o que se prova é que a mulher não tem a capacidade física necessária ao trabalho de fora de casa, e que evitando os nervos, chega ao limite da irritabilidade, que lhe faz perder todo o encanto feminino e a graciosidade natural, que torna atraente um rosto juvenil.

A mulher tem de ser sempre feminina e em toda a parte superior ao homem em delicada sensibilidade. Se assim não pode ser, porque os seus nervos delicados, não lhe permitam o trabalho diário e o contacto com o público, é preferível que a mulher renuncie ao trabalho exterior, porque não há mais triste espectáculo que o de uma empregada, que perde a linha, e recebe o público com modos desenhosos ou agressivos.

Deixa de ser senhora e afugenta por completo a poeta, de que os poetas rodearam a figura da mulher, elevando-a e tornando-a superior, como doçura e gentileza.

MARIA DE EÇA.

A MODA

A elegância é uma das aspirações da mulher e é justo que a deseje, porque uma bonita figura e o vestir bem, vale muitas vezes, do que a beleza dum rosto perfeito.

A questão toda reside, na maneira de usar as



ter-se dentro dele. Género «tailleur» ou simples, género de vestidos de «toilette», mas o que se deve é manter sempre a nota pessoal que marca a verdadeira elegância e que a torna muitas vezes um modelo.

Essa nota está muitas vezes num nada na maneira de colocar uma flor, de atar uma «écharpe», de pôr o chapéu, mas nesse pequeno detalhe está dada a nota pessoal de elegância que nada pode igualar, e, que torna bem nítida a maneira pessoal de usar a mesma moda de toda a gente.

E nisto que consiste uma certa elegância que parece inimitável e que quando não é natural, acaba por se adquirir com um certo estudo.

Aqui temos alguns modelos de que se pode tirar partido sabendo adaptá-los ao que a cada um convém.

PÁGINA SFEMININAS

modas, que os grandes costureiros lançam, e sobretudo no ter personalidade. Cada senhora deve escolher um género de vestir e deve man-



ter-se dentro dele. Género «tailleur» ou simples, género de vestidos de «toilette», mas o que se deve é manter sempre a nota pessoal que marca a verdadeira elegância e que a torna muitas vezes um modelo.

Essa nota está muitas vezes num nada na maneira de colocar uma flor, de atar uma «écharpe», de pôr o chapéu, mas nesse pequeno detalhe está dada a nota pessoal de elegância que nada pode igualar, e, que torna bem nítida a maneira pessoal de usar a mesma moda de toda a gente.

E nisto que consiste uma certa elegância que parece inimitável e que quando não é natural, acaba por se adquirir com um certo estudo.

Aqui temos alguns modelos de que se pode tirar partido sabendo adaptá-los ao que a cada um convém.

«Tailleurs» para meninas em fazenda aos quadradinhos castanho e bege, classico «tailleur» da máxima simplicidade, sapatos em camurça castanha, luvas em camurça bege, feltro castanho e carteira da mesma cor, completam o conjunto.

Para senhora uma «toilette» completa; género que muito se verá este ano. Vestido em «camurçine» cor de «rouille» muito simples, a saia é completamente direita, a saquinha completamente adaptada ao corpo, por ligeiras pregas «fingerie», botões em onyx preto, cinto preto. Um grande e amplo casaco cobre todo o vestido tornando-o muito confortável. Chapéu em «lamond» preto. É uma destas «toilettes» que se usam em todas as horas do dia e que as torna muito praticas.

Para visitas e para a tarde uma «toilette» muito elegante, vestido de fazenda azul escura, a saia aos grupos de plissados, o corpo tem a frente

guarnecido de lindos bordados que têm como fundo um «plastron» em setim branco sobre o vestido um casaco comprido guarnecido com



uma linda gola em rajosa «argentée». O chapéu tem a aba da frente em veludo cristal azul escuro e a parte de cima em setim branco coberto com bordados como os do vestido, luvas em camurça azul escuro.

É uma «toilette» elegantíssima e do melhor gosto.

Vestido de interior em veludo preto. Este género de vestidos muito usados em Inglaterra, são ali chamados «tea-gown» e são usados pela dona de casa quando recebe as suas amigas à hora do chá, mas pode ser usado também como vestido de jantar.

Uma linda cauda dá-lhe um ar de grande elegância, que se ajusta à simplicidade de não ter qualquer guarnição.

Os chapéus apresentam todas as formas. Para menina damos hoje um graciosíssimo modelo, boina em feltro guarnecida do lado mais baixo, com uma grande «cocard» em cores vivas, que alegam o feltro preto, que para menina é sempre um pouco triste. É graciosamente juvenil esta boina.

Para a noite uma elegantíssima e rica «toilette» em renda preta e tule, sobre um elegante vestido em setim preto de pregas moles. Tem a originalidade de ter o decote velado por tule e as mangas compridas em renda e tule.

A parte da frente da saia é em tule assim como a cauda. O cinto na mesma renda remata com uma lindíssima fiavela em madrepérola que dá uma nota muito elegante a esta «toilette» que alia o bom gosto à simplicidade, de que a riqueza da renda torna de verdadeiro luxo.

A MAÇÃ

ESTAMOS agora na época da maçã, que é uma das frutas mais úteis para a saúde. Pode quasi dizer-se que a maçã é um remédio de que todos devem usar.

O tratamento pela maçã é mais eficaz e proveitoso que mesmo o tratamento pelas uvas, tão usado actualmente.

Recomenda-se muito o seu uso, nas doenças intestinais, sobretudo quando há dificuldades na digestão, o que nas crianças se torna perigoso.

A maneira de fazer esta cura varia segundo os casos. De preferência deve usar-se a maçã crua mas também cozida dá bom resultado. Descasca-se, tira-se-lhe o caroço e transformando-a em puré dá-se aos doentes, nas crianças tem dado um grande resultado esta cura.

Este fruto é bom para curar desenterias, colite, dispepsia crónica, febres tifóides, enterites e perturbações digestivas. Todas as maçãs são boas para este fim, e há quem lhes atribua também poder curativo, no artrismo principalmente na gôta e reumatismo.

HIGIENE E BELEZA

Os banhos: Parece estranho numa época em que todos tomam banhos diários, vir dar conselhos sobre banhos, mas é que nem todos devem tomar os banhos da mesma maneira.

Os japoneses consideram anti-higiénica a nossa maneira de nos banhar. Ao lado da tradicional banheira género do nosso «tub» têm um outro recipiente mais pequeno em que se ensaboam para abrir bem os poros e depois é que se banham na água limpa.

Na verdade é esta uma maneira muito mais higiénica de tomar o banho e pode aproveitar-se para isso o aparelho do «duche». Primeiro ensaboar muito bem na água do banho e em seguida fazer o «duche».

Em seguida deve fazer-se uma fricção com a luva de crina e no caso de ter uma pele muito sensível com a luva de flanela.



É muito higiénico fazer uma fricção com água de colónia ou álcool, sobretudo nesta época de mudança de estação, em que tão fácil é apanhar uma constipação.

RECEITAS DE COZINHA

Jam sandwich: Para o chá é sempre agradável ter bolos embora hoje as senhoras com receio de engordar pouco os comam. Eis aqui uma boa receita:

30 gramas de fermento inglês, 175 gramas de farinha, 66 gramas de manteiga, 1 ovo, uma pitada de sal, 1/4 de litro de leite, 115 gramas de açúcar peneirado, essência de limão ou baunilha.

Borrar com manteiga duas formas Misturar bem o fermento, a farinha e o sal.

Bater o açúcar e a manteiga até estarem como se fosse um creme. Bater o ovo em separado e juntá-lo ao açúcar e à manteiga. Deitar dentro a mistura de farinha, adicionando o leite e os pingos da essência. Deitar imediatamente a massa nas duas formas e levar a um forno moderadamente quente. Quando os bolos estiverem cozidos tirá-los das formas, arrefecê-los num tabuleiro grelha e pôr as duas partes do bolo uma em cima da outra pondo no meio delas doce de ameixa, ou geleia de marmelo.

As formas devem ser baixas e até servem uns tabuleiros pequenos.

DE MULHER PARA MULHER

Violeta: Forre a parede em «gris» claro e os móveis em veludo azul mediterraneo, assim como os respaldos.

A estante em contraplacado dá bonito efeito, guarnecida em cima com faianças azuladas e o tapete em «gris» e azul. O «abat jour» azul fica muito confortável, é um ambiente sereno e suave que não complica com os nervos.



# FIM DE FESTA

## Bridge

(Problema)

Espadas — A. R. 10, 7, 5, 2  
 Copas — V. 6  
 Ouros — R. 4  
 Paus — A. R. 3.

Espadas — V. N Espadas — 9, 8, 4, 3  
 Copas — D. 5, 4, 3 O E Copas — 10, 8, 7, 2  
 Ouros — V. 9, 7, 3 Ouros — A. 10, 6, 5  
 Paus — D. V. 10, 2 S Paus — 9

Espadas — D. 6  
 Copas — A. R. 9  
 Ouros — D. 8, 2  
 Paus — 8, 7, 6, 5, 4

**N** marca meio chalem em seu trunfo.  
**E** sai por 9 de paus. **N** cumpre.

(Solução do número anterior)

**O** — R. c, **N** — 5 e, **E** — 6 e, **S** — A. c.  
**S** — 5 p, **N** cobre a carta de **O** que fica enforquilhado.  
**N** — A. o, **S** balda-se ao A. c.  
**N** — D. o, **S** corta com 10 p.  
**S** — 7 p, **N** cobre a carta de **O**.  
**N** — A. p, **S** balda-se a R. c.  
 Ficam firmes as cartas de espadas de **N**.

## As chaves da rainha

A rainha Mary de Inglaterra recusou, ultimamente, uma chave de ouro que tencionavam oferecer-lhe quando ela inaugurasse um novo pavilhão para as alunas de «Queen Mary's College», em Londres.

A rainha mandou dizer à direcção do Colégio que já possuía mais de quatrocentas chaves de ouro ou de prata, que lhe haviam sido oferecidas em ocasiões idênticas.

Por conseguinte, no dia fixado, a rainha Mary abriu o novo pavilhão com uma simples chave de aço a qual foi depois entregue à vigilante do estabelecimento.

## O pic-nic

(Problema)

Quatro casais vão fazer um pic-nic e, entre eles todos, bebem 32 garrafas de limonada.

Lídia bebe uma garrafa, Suzana duas, Alda três e Julieta quatro.

Os respectivos maridos são menos sóbrios, com excepção do Sousa que não bebe mais do que sua mulher, mas o Neves bebe o dobro, o Soares 3 vezes mais e o Ramos 4 vezes mais.

O que nós queremos saber, se não é indiscrição, eram os apelidos das quatro senhoras.

## O copo de Santa Isabel da Turingia

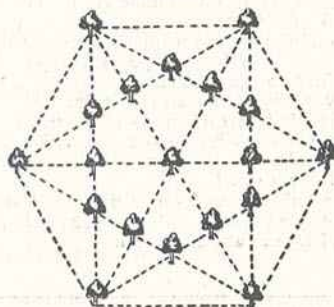
Entre as colecções artísticas dos duques de Coburgo, expostas no castelo «Vest Cobury», na Alemanha, depois da renovação do mesmo, figura o copo de Santa Isabel, landgarvina da Turingia, de cuja morte se celebrou, há poucos anos, solenemente em Marburgo e em Eisenach o 700.º aniversário.

Trata-se de um copo de vidro «gris» com delicados ornamentos e pé rendilhado, trazido do Egipto pelo espôso de Santa Isabel ao regressar de uma cruzada. Mais tarde passou o copo a ser propriedade do eleitor Frederico, o Sábio, de Wittembey, que o deixou a Luthero e este, por sua vez, fez entrega do mesmo, em expressão de agradecimento, ao senhor de «Vest Cobury», de cuja hospitalidade gosou o reformador durante o Reichstag de Auyburgo.

A autenticidade do copo foi reconhecida sem reservas pelo director do Museu de Artes Aplicadas de Berlim, sr. Roberto Schmidt.

## O bosquezinho

(Solução)



A maneira mais fácil de conseguir o que o proprietário desejava é traçar um hexágono e colocar as árvores aos cantos e nas intersecções dos diagonais conforme se vê no diagrama.

## Cérebro e inteligência

Numa conferência, há poucos anos realizada, o professor Cyril Burt declarou que as mulheres tinham o cérebro mais pequeno que o homem «mas — acrescenta ele — não se deve concluir daí que sejam menos inteligentes».

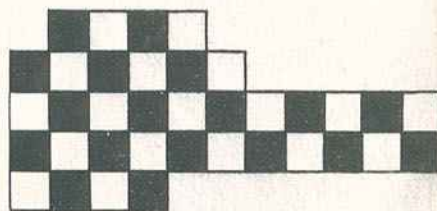
A grossura do cérebro, efectivamente, não está em relação directa com a inteligência. Quando se diz dum homem, «é um grande cérebro», emprega-se uma metáfora e convém não tomar esta expressão ao pé da letra. Não é o peso do cérebro que importa, é a sua estrutura, diz-nos o sábio psicólogo. Se a mulher tem o cérebro menos volumoso que o homem, é por ser mais pequena, em geral, do que ele, e o que vale é a qualidade, não a quantidade, da matéria cerebral.

## PARA O BRASIL

A administração da ILUSTRAÇÃO previne os seus leitores do Brasil de que só devem pagar assinaturas ou publicidade, por intermédio das Livrarias Francisco Alves, H. Antunes, ou Freitas Bastos do Rio de Janeiro, Livrarias Teixeira e Lealdade de S. Paulo, ou ainda por qualquer livraria de reconhecido crédito.

## Aproveitamento de oleado

(Problema)



Isto representa um pedaço de oleado já usado mas que, por conveniência, teve de ser adaptado a uma casa quadrada, o que se conseguiu dando-lhe apenas três cortes em linha recta. Os três pedaços que daí resultaram foram uidos uns aos outros de modo a formar um quadrado perfeito, com o desenho certo, isto é, quadrados brancos e pretos alternados.

Onde foram feitos os cortes?

A ponte mais antiga de que há notícia é a lançada sobre o Eufrates, mandada construir por uma rainha de Babilónia.

Segundo diversos autores, vários séculos antes, existiam já algumas pontes na China.

A origem de fazer nós nos lenços para recordar alguma coisa deve ser antiquíssimo, pois na China, antes da descoberta da imprensa, quando se queria conservar a lembrança de acontecimentos, faziam-se nós em cordas; um nó grande significava um assunto importante; um, mais pequeno, recordava um assunto trivial.



O marido (lendo o contrato de arrendamento da nova casa): — Ora esta! Não nos é permitido ter telefonia, nem piano, nem gramofone, nem animais nenhuns — isto é, cão, gato ou pássaros — nem crianças. De facto, coisa alguma que possa fazer bulha de qualquer espécie!  
 Ela (com enfado): — Não te parece que devias declarar que a tua pena estilográfica arranha um bocado, às vezes, no papel? — (De «London Opinion»).

Encontra-se quasi esgotado o  
**ALMANAQUE BERTRAND**

para **1939**

40.º ANO DA SUA PUBLICAÇÃO

Coordenado por M. FERNANDES COSTA

*Unico no seu género*

A mais antiga e de maior tiragem de todas as publicações em lingua portuguesa

**RECREATIVO E INSTRUTIVO**

Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses e estrangeiros

**LIVRO MUITO MORAL**

podendo entrar sem escrúpulo em todas as casas

**PASSATEMPO E ENCICLOPÉDIA DE CONHECIMENTOS ÚTEIS**

Colaboração astronómica e matemática muito interessante por professores de grande autoridade nestes assuntos

Um grosso volume de 384 páginas, ornado de 374 gravuras, cartonado ..... **10\$00**

Encadernado luxuosamente ..... **18\$00**

Pelo correio à cobrança mais 2\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA**

**O mais moderno dos Dicionários  
da lingua portuguesa**

**ACABA DE APARECER**

**DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA**

**PARA USO DAS ESCOLAS**

Revisão ortográfica pelo **DR. AGOSTINHO DE CAMPOS**

1 vol. de 884 págs., magnificamente impresso e muito bem encadernado em percalina verde, **Esc. 15\$00**

Pelo correio à cobrança, **Esc. 17\$50**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND, Rua Garrett, 75 — LISBOA**

**À VENDA**

**A Patologia da Circulação Coronária**

**O problema da angina pectoris  
O infarto do miocardio  
O sindroma de Adams-Stokes**

PELO **DR. EDUARDO COELHO**  
Professor da Faculdade de Medicina

1 vol. de 168 págs. no formato 17,5 × 26, em papel couché, profusamente ilustrado, **Esc. 25\$00**  
Pelo correio à cobrança, **Esc. 27\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA**

**INTELIGÊNCIA**

**MENSÁRIO DA OPINIÃO MUNDIAL**

**Esc. 4\$00**

**VIVER!**

**Mensário de Saúde, Fôrça e Beleza**

**Esc. 4\$00**

**Livraria Bertrand — Rua Garrett, 73 — LISBOA**

**UMA OBRA FORMIDÁVEL**

Destinada a grande successo

Premiada pela Academia Francesa com o "Grand Prix Montyon"

**UM CORAÇÃO DE OIRO  
(PADRE DAMIÃO)**

Por **PIERRE CROIDYS**

**SUCCESSO DE LIVRARIA EM TODO O MUNDO**  
Obra admirável ao serviço da humanidade

1 vol. de 356 págs., broc. .... **Esc. 12\$00**  
Pelo correio à cobrança **Esc. 14\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA**

Uma boa colecção de livros  
de grandes autores  
dá categoria a quem a possui

A LEITURA DELEITA E INSTRUE

**VENDAS A PRESTAÇÕES**

ENTREGA IMEDIATA DAS OBRAS  
contra o pagamento da 1.<sup>a</sup> prestação

**A LIVRARIA BERTRAND**

estabeleceu um sistema especial de vendas  
que denominou

**Crediário Cultural**

Por este sistema,—novo processo de vendas  
adoptado nalguns países da Europa e especial-  
mente da América,—contribue-se para a cultura  
dum povo, facilitando-se a aquisição das obras  
dos mais notáveis autores.

**Prestações mensais desde vinte  
e cinco escudos, segundo a importância  
da compra, sem fiador, sempre com  
a bonificação do sorteio e com  
direito à escolha de obras men-  
cionadas em catálogo especial.**

O comprador favorecido com  
o sorteio não paga mais nada,  
saldando assim a sua conta  
apenas pelo que tiver pago.

Pegam catalogos e informações à

**LIVRARIA BERTRAND**

A mais antiga livraria de Portugal

Rua Garrett, 73 — LISBOA

**O Bêbé**

A arte de cuidar  
do lactante

Tradução de Dr.<sup>a</sup> Sára Be-  
noliel e Dr. Edmundo Adler,  
com um prefácio do Dr. L. Cas-  
tro Freire e com a colaboração  
do Dr. Heitor da Fonseca.

Um formosíssimo  
volume ilustrado

**6\$00**

Deposítaria:

LIVRARIA BERTRAND  
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

**DOCES E  
COZINHADOS**

RECEITAS ESCOLHIDAS

POR

**ISALITA**

1 volume encader. com  
351 páginas. **25\$00**

DEPOSITÁRIA:

LIVRARIA BERTRAND  
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

OBRAS  
DE  
**JULIO DANTAS**

**PROSA**

ABELHAS DOIRADAS — (3. <sup>a</sup> edição), 1 vol. Enc. 13\$00;	
br. ....	8\$00
— (1. <sup>a</sup> edição), 1 vol. br. ....	15\$00
ALTA RODA — (3. <sup>a</sup> edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br. ....	12\$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3. <sup>a</sup> edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br. ....	12\$00
AO OUVIDO DE M. <sup>me</sup> X. — (5. <sup>a</sup> edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br. ....	9\$00
ARTE DE AMAR — (3. <sup>a</sup> edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br. ....	10\$00
AS INIMIGAS DO HOMEM — (5. <sup>o</sup> milhar), 1 vol. Enc. 17\$00; br. ....	12\$00
CARTAS DE LONDRES — (2. <sup>a</sup> edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br. ....	10\$00
COMO ELAS AMAM — (4. <sup>a</sup> edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
CONTOS — (2. <sup>a</sup> edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
DIALOGOS — (2. <sup>a</sup> edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
DUQUE (O) DE LAFOES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br. ....	15\$00
ELES E ELAS — (4. <sup>a</sup> edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
ESPADAS E ROSAS — (5. <sup>a</sup> edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
ETERNO FEMININO — (1. <sup>a</sup> edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br. ....	12\$00
EVA — (1. <sup>a</sup> edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br. ....	10\$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3. <sup>a</sup> edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2. <sup>a</sup> edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
MULHERES — (6. <sup>a</sup> edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br. ....	9\$00
HEROISMO (O), A ELEGANCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11\$00; br. ....	6\$00
OUTROS TEMPOS — (3. <sup>a</sup> edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
PATRIA PORTUGUESA — (5. <sup>a</sup> edição), 1 vol. Enc. 17\$50; br. ....	12\$50
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Conferência), 1 fol. ....	2\$00
UNIDADE DA LINGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol. ....	1\$50
VIAGENS EM ESPANHA, 1 vol. Enc. 17\$00; br. ....	12\$00

**POESIA**

NADA — (3. <sup>a</sup> edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br. ....	6\$00
SONETOS — (5. <sup>a</sup> edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br. ....	4\$00

**TEATRO**

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2. <sup>a</sup> edição), 1 vol. br. ....	3\$00
CARLOTA JOAQUINA — (3. <sup>a</sup> edição), 1 vol. br. ....	3\$00
CASTRO (A) — (2. <sup>a</sup> edição), br. ....	3\$00
CEIA (A) DOS CARDIAIS — (27. <sup>a</sup> edição), 1 vol. br. ....	1\$50
CRUCIFICADOS — (3. <sup>a</sup> edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIROA — (5. <sup>a</sup> edição), 1 vol. br. ....	3\$00
D. JOÃO TENÓRIO — (2. <sup>a</sup> edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3. <sup>a</sup> edição), 1 vol. br. ....	2\$00
MATER DOLOROSA — (6. <sup>a</sup> edição), 1 vol. br. ....	3\$00
1023 — (3. <sup>a</sup> edição), 1 vol. br. ....	2\$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5. <sup>a</sup> edição), 1 vol. br. ....	4\$00
PAÇO DE VEIROS — (3. <sup>a</sup> edição), 1 vol. br. ....	4\$00
PRIMEIRO BEIJO — (5. <sup>a</sup> edição), 1 vol. br. ....	2\$00
REI LEAR — (2. <sup>a</sup> edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br. ....	9\$00
REPOSTEIRO VERDE — (3. <sup>a</sup> edição), 1 vol. br. ....	5\$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10. <sup>a</sup> edição), 1 vol. br. ....	2\$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3. <sup>a</sup> edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br. ....	6\$00
SEVERA (A) — (5. <sup>a</sup> edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
SOROR MARIANA — (4. <sup>a</sup> edição), 1 vol. br. ....	3\$00
UM SERÃO NAS LARANGEIRAS — (4. <sup>a</sup> edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
VIRIATO TRAGICO — (3. <sup>a</sup> edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00

Pedidos à

**LIVRARIA BERTRAND**

Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

# OBRAS DE JULIO VERNE

Colecção de viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos

Trabalhos premiados pela Academia das Ciências de França. Versões portuguesas autorizadas pelo autor e editores, feitas pelos mais notáveis escritores e tradutores portugueses. Edição popular

Cada volume, ilustrado com 2 gravuras, encadernado 10\$00

- 1 — **Da terra à lua**, viagem directa em 97 horas e 20 minutos, tradução de Henrique de Macedo. 1 volume.
- 2 — **Á roda da lua**, trad. de Henrique de Macedo. 1 vol.
- 3 — **A volta ao mundo em oitenta dias**, trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.  
**Aventuras do capitão Hatteras**, trad. de Henrique de Macedo:
- 4 — 1.ª parte — **Os ingleses no Polo Norte**. 1 vol.
- 5 — 2.ª parte — **O deserto de gelo**. 1 vol.
- 6 — **Cinco semanas em balão**, trad. do Dr. Francisco Augusto Correia Barata. 1 vol.
- 7 — **Aventuras de três russos e três ingleses**, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.
- 8 — **Viagem ao centro da terra**, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.  
**Os filhos do capitão Grant**, trad. de A. M. da Cunha e Sá:
- 9 — 1.ª parte — **América do Sul**. 1 vol.
- 10 — 2.ª parte — **Austrália Meridional**. 1 vol.
- 11 — 3.ª parte — **Oceano Pacifico**. 1 vol.  
**Vinte mil léguas submarinas**:
- 12 — 1.ª parte — **O homem das águas**, trad. de Gaspar Borges de Avelar.
- 13 — 2.ª parte — **O fundo do mar**, trad. de Francisco Gomes Moniz. 1 vol.  
**A ilha misteriosa**, trad. de Henrique de Macedo:
- 14 — 1.ª parte — **Os naufragos do ar**. 1 vol.
- 15 — 2.ª parte — **O abandonado**. 1 vol.
- 16 — 3.ª parte — **O segredo da ilha**. 1 vol.  
**Miguel Strogoff**, trad. de Pedro Vidoeira:
- 17 — 1.ª parte — **O correio do Czar**. 1 vol.
- 18 — 2.ª parte — **A invasão**. 1 vol.  
**O país das peles**, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho:
- 19 — 1.ª parte — **O eclipse de 1860**. 1 vol.
- 20 — 2.ª parte — **A ilha errante**. 1 vol.
- 21 — **Uma cidade flutuante**, trad. de Pedro Guilherme dos Santos Denis. 1 vol.
- 22 — **As índias negras**, trad. de Pedro Vidoeira. 1 vol.  
**Heitor Servadac**, trad. de Xavier da Cunha:
- 23 — 1.ª parte — **O cataclismo cósmico**. 1 vol.
- 24 — 2.ª parte — **Os habitantes do cometa**. 1 vol.
- 25 — **O Doutor Ox**, trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.  
**Um herói de quinze anos**, trad. de Pedro Denis:
- 26 — 1.ª parte — **A viagem fatal**. 1 vol.
- 27 — 2.ª parte — **Na África**. 1 vol.
- 28 — **A galera Chancellor**, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.
- 29 — **Os quinhentos milhões da Begun**, trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.
- 30 — **Atribuições de um chinês na China**, trad. de Manuel Maria de Mendonça Balsemão. 1 vol.  
**A casa a vapor**, trad. de A. M. da Cunha e Sá:
- 31 — 1.ª parte — **A chama errante**. 1 vol.
- 32 — 2.ª parte — **A ressuscitada**. 1 vol.  
**A jangada**, trad. de Pompeu Garrido.
- 33 — 1.ª parte — **O segredo terrível**. 1 vol.
- 34 — 2.ª parte — **A justificação**. 1 vol.  
**As grandes viagens e os grandes viajantes**, trad. de Manuel Pinheiro Chagas:
- 35 — 1.ª parte — **A descoberta da terra**. 1.º vol.
- 36 — 1.ª parte — **A descoberta da terra**. 2.º vol.
- 37 — 2.ª parte — **Os navegadores do século XVIII**. 1.º vol.
- 38 — 2.ª parte — **Os navegadores do século XVIII**. 2.º vol.
- 39 — 3.ª parte — **Os exploradores do século XIX**. 1.º vol.
- 40 — 3.ª parte — **Os exploradores do século XIX**. 2.º vol.
- 41 — **A escola dos Robinsons**, trad. de Assis de Carvalho. 1 vol.
- 42 — **O raio verde**, trad. de Mendonça Balsemão. 1 vol.  
**Kériban, o Cabeçudo**, trad. de Urbano de Castro:
- 43 — 1.ª parte — **De Constantinopla a Scutari**
- 44 — 2.ª parte — **O regresso**. 1 vol.
- 45 — **A estrela do sul**, trad. de Almeida de Eça. 1 vol.
- 46 — **Os piratas do arquipélago**, trad. de João Maria Jales. 1 vol.  
**Matias Sandorff**:
- 47 — 1.ª parte — **O pombo correio**. 1 vol.
- 48 — 2.ª parte — **Cabo Matifoux**. 1 vol.
- 49 — 3.ª parte — **O passado e o presente**. 1 vol.
- 50 — **O naufrago do «Cynthia»**, trad. de Agostinho Sottomayor. 1 vol.
- 51 — **O bilhete de lotaria n.º 9.672**, trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.
- 52 — **Robur, o Conquistador**, trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.  
**Norte contra Sul**, trad. de Almeida de Eça:
- 53 — 1.ª parte — **O ódio do Texar**. 1 vol.
- 54 — 2.ª parte — **Justiça**. 1 vol.
- 55 — **O caminho da França**, trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.  
**Dois anos de férias**, trad. de Fernandes Costa:
- 56 — 1.ª parte — **A escuna perdida**. 1 vol.
- 57 — 2.ª parte — **A colónia infantil**. 1 vol.
- Família sem nome**, trad. de Lino de Assunção:
- 58 — 1.ª parte — **Os filhos do traidor**. 1 vol.
- 59 — 2.ª parte — **O padre Johann**. 1 vol.
- 60 — **Fora dos eixos**, trad. de Augusto Fuschini. 1 vol.  
**Cesar Cascabel**:
- 61 — 1.ª parte — **A despedida do novo continente**, trad. de Salomão Sáraga. 1 vol.
- 62 — 2.ª parte — **A chegada ao velho mundo**, trad. de Lino de Assunção. 1 vol.  
**A mulher do capitão Branican**, trad. de Silva Pinto:
- 63 — 1.ª parte — **A procura dos naufragos**. 1 vol.
- 64 — 2.ª parte — **Deus dispõe**. 1 vol.
- 65 — **O castelo dos Carpathos**, trad. de Pinheiro Chagas. 1 vol.
- 66 — **Em frente da bandeira**, trad. de Manuel de Macedo. 1 vol.  
**A ilha de Hélice**, trad. de Henrique Lopes de Mendonça:
- 67 — 1.ª parte — **A cidade dos biliões**. 1 vol.
- 68 — 2.ª parte — **Distúrbios no Pacífico**. 1 vol.
- 69 — **Clovis Dardentor**, trad. de Higinio de Mendonça. 1 vol.  
**A esfinge dos gélos**, trad. de Napoleão Toscano:
- 70 — 1.ª parte — **Viagens aos mares austrais**. 1 vol.
- 71 — 2.ª parte — **Lutas de marinheiro**. 1 vol.
- 72 — **A carteira do repórter**, trad. de Pedro Vidoeira. 1 vol.  
**O soberbo Orenoco**, trad. de Aníbal de Azevedo:
- 73 — 1.ª parte — **O filho do coronel**. 1 vol.
- 74 — 2.ª parte — **O coronel de Kermor**. 1 vol.
- 75 — **Um drama na Livónia**, trad. de Fernando Correia. 1 vol.
- 76 — **Os naufragos do Jonathan**, trad. de Henrique Lopes de Mendonça. 1.º vol.
- 77 — **Os naufragos do Jonathan**, trad. de Henrique Lopes de Mendonça. 2.º vol.
- 78 — **A invasão do mar**, trad. de Joaquim dos Anjos. 1 vol.
- 79 — **O farol do cabo do mundo**, trad. de Joaquim dos Anjos. 1 vol.
- 80 — **A Aldeia Aérea**, trad. de José Coelho de Jesus Pacheco. 1 vol.
- 81 — **A Agencia Thompson & C.ª**, 1.ª parte. Tradução de J. B. Pinto da Silva e Diogo do Carmo Reis. 1 vol.
- 82 — **A Agencia Thompson & C.ª**, 2.ª parte. Tradução de J. B. Pinto da Silva e Diogo do Carmo Reis. 1 vol.

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — R. Garrett, 73-75 — LISBOA

Venda a prestações contra entrega imediata da obra.  
O cliente paga a 1.<sup>a</sup> prestação e pode levar para casa os 21 volumes tendo ainda a vantagem do sorteio que lhe pode proporcionar o pagamento da obra por uma deminuta importância



# HISTÓRIA UNIVERSAL

de GUILHERME ONCKEN

A mais completa e autorizada história universal até hoje publicada

Tradução dirigida por

CONSIGLIERI PEDROSO, AGOSTINHO FORTES, F. X. DA SILVA TELES e M. M. D'OLIVEIRA RAMOS  
antigos professores de História, da Faculdade de Letras

21 vols. no formato de 17<sup>cm.</sup> x 26<sup>cm.</sup>, 18.948 págs., 6.148 grav. e mais de 50 hors-textes

Muito bem encadernados em percalina e letras douradas

Em 20 prestações mensais de Esc. 75\$00 com resgate por sorteio mensal Esc. 1.500\$00

**COMO É O SORTEIO?** Os recibos das prestações com direito a sorteio levam o número da inscrição (só dois algarismos). Quem tiver o número igual aos últimos dois algarismos do número premiado com o 1.<sup>o</sup> prémio da última lotaria do mês **NADA MAIS TERÁ QUE PAGAR** liquidando assim o débito que nessa data tiver de prestações a vencer. **ASSIM PODERÁ SALDAR O SEU DÉBITO, APENAS COM UMA OU MAIS PRESTAÇÕES** conforme a sorte bafejar o comprador. Desta vantagem **NÃO BENEFICIARÁ O COMPRADOR** que estiver em atraso de uma ou mais prestações.

Mediante pequena formalidade o comprador, apenas com o pagamento da 1.<sup>a</sup> prestação, pode levar a obra completa para sua casa

Peçam informações mais detalhadas à

**LIVRARIA BERTRAND** — Rua Garrett, 73 — LISBOA